

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Edna Valessa Moretto Dias

**O *BLOG* COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA DE OBRAS
LITERÁRIAS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS**

Porto Alegre

2016

Edna Valessa Moretto Dias

**O *BLOG* COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA DE OBRAS
LITERÁRIAS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Martha Eddy
Krummenauer Kling Bonotto.

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof.^a Dr.^a Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rochembach

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

CIP - Catalogação na Publicação

Dias, Edna Valessa Moretto

O blog como instrumento de mediação de leitura de obras literárias em bibliotecas públicas / Edna Valessa Moretto Dias. -- 2016.

86 f.

Orientadora: Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Mediação de leitura. 2. *Blogs* de literatura. 3. *Blogs* literários. 4. *Blogs* de bibliotecas. 5. Literatura de ficção. 6. *Blogs*. 7. Arquitetura da informação. 8. Biblioteca pública. I. Bonotto, Martha Eddy Krummenauer Kling, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Edna Valessa Moretto Dias

**O *BLOG* COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA DE OBRAS
LITERÁRIAS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 05 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Sônia Elisa Caregnato
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Magali Lippert da Silva de Almeida
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Edson e Liane, pelo amor, suporte e incentivo. À minha professora Martha Bonotto, por partilhar com generosidade seus ensinamentos; pela orientação regada a paciência, apoio e sabedoria. Às professoras Magali Lippert e Sônia Caregnato, pela leitura e avaliação deste trabalho; obrigada por aceitarem fazer parte deste momento. Às bibliotecárias do CPD, Caterina e Janise, pela supervisão dedicada, sob a qual muito aprendi sobre a prática profissional; obrigada pela confiança. À Tuany, pelas consultorias (as de beleza também), pelos bombons ouro branco (meu preferido) e pelos bolos de cenoura (obrigada mãe da Tuany). Ao Bruno, pelas entregas, pelo chimarrão e por tentar me fazer relaxar. À Gabriela, pelos cafés e comidinhas de mãe. Ao Jandrey, por me fazer assinar a Netflix. Obrigada meus amigos e colegas do CPD pelas conversas (úteis ou não), pela torcida, pelo apoio e pela paciência, pelas refeições compartilhadas, mas, principalmente, pela amizade que construímos. À Elisa, pela alegria e pelos sábios conselhos. À turma de biblioteconomia do semestre 2012/2 pelo aprendizado compartilhado. À Silvana, por ser tão dedicada, tão querida e tão bondosa. À Letícia, pelo companheirismo e pelas conversas sinceras; Obrigada Sil e Le por me aceitarem e me acolherem como amiga, e por tudo (incluindo os almoços no Equilibrium). À Raquel, pela delicadeza de suas atitudes; obrigada por todos os bolos e outras comidinhas deliciosas. Agradeço às minhas amigas queridas que encontrei durante o curso: Deliane, Regina, Dioneia, Camila, Bianca, Enise, Andresa, Cris C., Cris F. e Vanessa, pela generosidade e pelo companheirismo. Aos professores da Fabico pelas contribuições indispensáveis. À amiga poeta Isadora, pelo carinho, pela solidariedade e atenção; obrigada por me ouvir com paciência e me apoiar em minhas decisões. À amiga Adaiane, por toda a ajuda desde o início do curso e por estar sempre presente. À minha prima/amiga/irmã Láís, pelo amor, pelas orações, pelo cuidado, pelos conselhos, por compreender minhas ansiedades e pela torcida desde sempre.

Agradeço a todos que permaneceram e aos que entraram na minha vida durante a graduação; àqueles que me inspiraram, contribuiram, apoiaram e esperaram por mim.

O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano.

Isaac Newton

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise realizada em blogs, a fim de verificar em que medida um blog pode servir como instrumento de mediação de leitura de literatura em bibliotecas públicas. Trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza básica com viés qualitativo, que utilizou como métodos a pesquisa bibliográfica e a documental. Os instrumentos utilizados para a coleta das informações foram a observação sistemática e estruturada e formulários para registro das informações. Foram selecionados 50 blogs literários com o intuito de identificar características presentes que tornem esta mídia mais atrativa para divulgação de obras literárias. Apenas 20 dos 50 blogs literários selecionados divulgam obras consideradas literárias, e, por isso, serviram para a análise da literatura por eles divulgada. Foram encontrados nove blogs de bibliotecas públicas, mas apenas dois deles compartilham conteúdos relacionados à literatura, e apenas estes são atualizados regularmente. Conclui que os blogs são pouco utilizados pelas bibliotecas, sendo constatada a preferência atual pelo uso de redes sociais, em especial Facebook, para divulgação de serviços e programações. No entanto, os blogs possuem potencial para serem utilizados como instrumento eficaz, visto a facilidade de uso e a gratuidade de plataformas; além disso, oferecem a possibilidade de adequar o conteúdo a critérios específicos de planejamento. Os blogs literários apresentam literatura de forma diferenciada, dando destaque aos últimos lançamentos e aos best-sellers de editoras e autores parceiros. Verifica a necessidade de aprofundamento a respeito da concepção de um blog de biblioteca pública em relação à informação que será divulgada e aos usuários que farão uso dela.

Palavras-chave: Mediação de Leitura. Blogs de Literatura. Blogs Literários. Blogs de Bibliotecas. Literatura de Ficção. Blogs. Arquitetura da Informação. Biblioteca Pública.

ABSTRACT

This paper presents an analysis on blogs in order to verify to what extent a blog can serve as a means to mediate the reading of literature in public libraries. It is an exploratory basic research with a qualitative focus, and used the methods of literature and document search. The instruments used to gather data were a systematic structured observation and record-keeping forms. 50 litblogs were selected in order to identify characteristics that make this media more attractive for publicizing literary works. Only 20 of the 50 selected litblogs disseminate works considered literature, and therefore were considered for the analysis of literature published by them. Nine blogs of public libraries were identified, but only two share literature related content, and only these are updated regularly. It concludes that blogs are little used by libraries, and that the present preference to publicize services and events turns out to be the use of social networks, especially Facebook. However, blogs have the potential to be used as an efficient tool, as they are free of charge platforms and easy to use; furthermore, they offer the possibility to customize content according to specific planning criteria. Literature blogs present literature in different ways, highlighting the latest releases and best sellers from publishers and author partners. It points out the need to deepen the question about designing a public library blog in relation to information to be disclosed and users who will use it.

Keywords: Reading mediation. Literature blogs. Litblogs. Library blogs. Fiction. Blogs. Information Architecture. Public Library.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	<i>Blogs</i>	11
2.2	Redes sociais	15
2.3	Arquitetura da informação	18
2.4	Mediação de leitura	21
2.5	Literatura	25
2.5.1	GÊNEROS LITERÁRIOS	27
2.5.1.1	GÊNERO ÉPICO OU NARRATIVO	30
2.5.1.2	GÊNERO LÍRICO	33
2.5.1.3	GÊNERO DRAMÁTICO	34
2.6	Resenha	36
2.7	Biblioteca pública	39
3	METODOLOGIA	45
3.1	Tipo de pesquisa	45
3.2	Amostra	46
3.3	Instrumento de coleta, tratamento e análise dos dados	48
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
4.1	<i>Blogs</i> literários	49
4.2	<i>Blogs</i> de bibliotecas públicas	57
4.3	A literatura nos <i>blogs</i>	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICE A – Bibliotecas públicas que possuem <i>blog</i>	82
	APÊNDICE B – Seleção de 50 <i>blogs</i> literários	83
	APÊNDICE C – Análise das informações nos 20 <i>blogs</i> literários e nos 9 <i>blogs</i> de bibliotecas públicas	84

1 INTRODUÇÃO

A leitura é importante para o desenvolvimento do senso crítico, para o conhecimento de mundo. Através de uma obra de literatura, embora não sendo o seu fim principal, pode-se aprender sobre história, geografia, costumes, mitos, diferentes culturas, religião, mitologia, entre outros assuntos diversos. A leitura pode evoluir, no sentido de que o leitor pode iniciar lendo livros com linguagem mais corriqueira e com o passar do tempo buscar livros de maior valor estético literário. Pode-se iniciar lendo livros de autoajuda e chegar a se interessar por obras consideradas clássicas universais. Pode-se começar lendo poemas de ônibus; não mais se contentar e sentir o desejo de ler Fernando Pessoa.

A leitura é um bem público, vinculada a espaços públicos, portanto, às bibliotecas. Principalmente as públicas participam deste conceito, reunindo coleções de livros que assim como elas são patrimônio cultural da humanidade. Não apenas os textos clássicos antigos e tradicionais podem enriquecer atividades de leitura; também textos atuais selecionados, de riqueza literária e expressiva, podem e devem compor o acervo das bibliotecas públicas.

A biblioteca pode usar de ferramentas e instrumentos variados com o intuito de divulgar produtos e serviços que oferece. Os *blogs* estão em voga e existem plataformas gratuitas que permitem a criação e a administração de forma muito simples. Embora seu acesso só seja possível via conexão à internet, a própria biblioteca, ainda mais se tratando de biblioteca pública, pode e deve oferecer o acesso, disponibilizando computadores à comunidade.

O bibliotecário é o profissional com competência para encontrar meios de incentivar a leitura, tornando o ato de ler atraente. O *blog* pode servir como instrumento para este fim. Informar por meio dos *blogs* sobre as obras de que a biblioteca dispõe é facilitado pelo fato da tecnologia fazer parte ativa da vida de muitas pessoas. Por isso, pode-se aproveitar e incorporar tecnologias como aliadas no processo de mediação da leitura de obras literárias.

Primeiramente, a investigação justifica-se tendo em vista experiência pessoal de como os *blogs* por meio das resenhas de livros despertam o interesse pela leitura. Leitura essa que pode iniciar com obras de lazer e entretenimento apenas, e posteriormente gerar a curiosidade e o desejo no leitor de ir em busca de outras

mais complexas esteticamente, obras que indagam, que trazem reflexão de mundo, que contribuem para o vocabulário, que tratam sobre algum tema.

Não há a necessidade de ter contato com os livros desde a tenra idade para gostar de ler, embora essa seja a ideia difundida e de fato ajude. A partir do momento que um meio de comunicação como o *blog* informa de maneira atraente acerca de uma obra, um indivíduo pode sim iniciar seu interesse e sua caminhada na literatura. Quanto mais ele lê as obras sugeridas/resenhadas, mais ele evolui a ponto de avaliar com maior senso crítico aquilo que lhe é divulgado e oferecido para ser lido e parte em busca de novas leituras.

Por conseguinte, considera-se que o bibliotecário além de ler deve, através de suas práticas profissionais, mediar a leitura e a informação de forma efetiva, no intuito de agregar e construir novos conhecimentos, não só para a sociedade, mas até para si mesmo; não apenas organizar a informação com primor, mas ir além, tirando os livros das estantes e levando-os às mãos dos usuários. Ações que podem ser facilitadas por meio do conhecimento e do uso de ferramentas e tecnologias disponíveis. Acredita-se também importante para a prática profissional o conhecimento de mídias com potencial para realizar medição de leitura.

A biblioteca pública, em especial, pode incentivar o gosto pela leitura, levando aos indivíduos uma nova concepção de leitura, como um processo contínuo e de longa duração, através de incentivos e estratégias de promoção permanentes. Ela também pode demonstrar que a leitura pode ser um meio valioso/excepcional/criativo/divertido para o acesso à cultura e até mesmo a conhecimentos gerais.

Portanto, levando-se em conta todas as razões já mencionadas, considera-se este estudo relevante.

O objetivo geral deste trabalho é investigar de que maneira o *blog* pode funcionar como instrumento para mediar a leitura de obras de literatura de ficção em bibliotecas públicas. Os objetivos específicos são: a) esclarecer o conceito de mediação de leitura; b) verificar as informações presentes em *blogs* que divulgam obras literárias; c) elencar as informações sobre obras literárias presentes em *blogs* de bibliotecas públicas existentes; d) identificar as características de um *blog* que o torne mais atrativo para divulgar obras literárias em relação a outras mídias sociais na internet; e) discutir o leiaute dos *blogs* a partir da perspectiva de Arquitetura da Informação.

Sendo assim, esta pesquisa visa responder o seguinte problema: em que medida um *blog* de biblioteca pública pode funcionar como mediador de leitura de obras literárias?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo é apresentado o referencial teórico que auxiliou na busca de respostas ao problema de pesquisa e na consecução de seus objetivos. São apresentados a seguir assuntos que serviram de embasamento teórico para a pesquisa e são eles: *blogs*, redes sociais, arquitetura da informação, mediação de leitura, literatura, resenha e biblioteca pública.

2.1 *Blogs*

Os *blogs* tornaram-se conhecidos como diários eletrônicos que podem ser atualizados rapidamente a qualquer momento. Inicialmente eram conhecidos como *weblogs* (1997), vindo (em 1999) a ser denominados apenas *blogs*. O conteúdo dos *blogs* está organizado em postagens (ou *posts*) ordenadas cronologicamente, podendo conter textos, imagens, vídeos, *gifs* e *links*. Além do autor, qualquer pessoa pode deixar comentário na postagem, podendo haver ou não uma moderação por parte do autor antes da disponibilização pública. Os *blogs* apresentam estilos e objetivos diversos. Muito embora, de acordo com Primo (2008), a imprensa insista em descrevê-los como meros diários *online*, reduzindo-os a uma ferramenta de publicação individual e de celebração do ego, os *blogs* transformaram-se em um importante espaço de conversação. Há uma distinção muito clara entre os diários tradicionais e os *blogs*. Os primeiros se voltam para o intrapessoal e têm como destinatário o próprio autor, enquanto os últimos visam o interpessoal e o grupal. Através dos *blogs*, pequenas redes de amigos ou de grupos de interessados em nichos muito específicos podem interagir (PRIMO, 2008).

Segundo Alvim (2007, *online*), *blog*

[...] é uma página na web, com um endereço atribuído, suportado por um *software* de acesso livre e que pode ser gratuito ou não, com ou sem fins lucrativos, em que o seu criador/autor (individual, grupo de pessoas ou uma instituição) coloca entradas individuais, escreve um post, com frequência variada, sobre um tema do seu interesse, de forma livre e independente. O *blog*, como ferramenta da web, permite uma facilidade de utilização, desde a sua criação, gestão e

manutenção, até a facilidade de o aceder através de qualquer computador com ligação à rede. Possui ferramentas de publicação que permitem entradas frequentes, não só de texto, mas de vídeo, de fotografias, de áudio, etc.

Segundo Houghton (2012) *blog* é um tipo particular de *website*, que consiste de artigos ou postagens normalmente com marcas temporais, e organizado de tal forma que o visitante veja sempre a publicação mais recente em primeiro lugar. Em poucas palavras, segundo o autor, o blogueiro realiza três ações essencialmente: primeiramente, inicia sessão para as páginas de administração do *blog*; em segundo lugar escreve a postagem e faz o *upload* de qualquer conteúdo de interesse; e, por fim, pressiona o botão publicar. No mesmo instante, as palavras e as imagens aparecem no *blog*, formatado e com o leiaute e estilo que se tenha configurado automaticamente. Os primeiros *blogs* eram uma espécie de filtros de internet, criados por pessoas que queriam passar informações interessantes que tinham encontrado na rede, muitas vezes com os seus próprios comentários em anexo. Hoje em dia, usa-se mais para expressar-se, mostrar pensamentos, ideias, atividades criativas, em vez de simplesmente comentar sobre o que outras pessoas fazem.

Compreende-se os *blogs* como fontes de informação e comunicação emergentes e em constante crescimento que possuem diversas vertentes de categorização. Uma delas é a temática, na qual as páginas são classificadas de acordo com seu assunto abordado com mais recorrência. Desse modo, se um *blog* tem como foco tratar sobre assuntos de esporte, será classificado como *blog* esportivo; se tem como foco temas que englobem educação, será um *blog* educacional e assim em diante. Porém, é importante ressaltar que essa vertente de categorização não é estática, pois a qualquer momento podem surgir novos temas a serem abordados como foco, ocasionando assim novas possíveis temáticas. Nesse sentido abordam-se os *blogs* literários, que como o nome sugere, trata-se de *blogs* nos quais se aborda de várias maneiras a temática da leitura, dos livros e da literatura em geral. (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015, p. 243).

Blogs são parte de uma crescente conjunção de comunicação pessoal e ferramentas de gerenciamento de informação. Os *blogs* fornecem uma extensão infinita de histórias e *links*. Isso ajuda a trazer informação, novidades e *websites* de uma maneira muito eficiente, para leitores que, compartilham dos mesmos interesses (BARROS, 2016, *online*). Assim, segundo Araújo e Araújo (2015) compreendem-se os *blogs* e a blogosfera em geral como sendo um ambiente multifacetado, pertinente para se medir opiniões, armazenar e resgatar informações e sobretudo atrair olhares curiosos para novos temas e possivelmente contribuir para a formulação de conhecimentos e saberes.

Para Caregnato e Sousa (2010) as características fundamentais dos *blogs* são: atualização constante; posts em ordem cronológica inversa; presença de *links* nas postagens e nos *blogrolls*; possibilidade de interação por meio dos comentários às postagens. Para os autores, portanto, a estrutura dos blogs, baseia-se em postagens, comentários, *tags*, *blogrolls* e *Rich Site Summary* (RSS), conforme segue:

(a) *Posts* são as mensagens dos *blogs* publicadas regularmente e que aparecem em ordem cronológica inversa, com número de caracteres que varia significativamente conforme a aplicação do *blog*. Possuem títulos próprios e *Uniform Resource Locator* (URL) específico. (b) Comentários são as intervenções dos leitores do blog a cada post individualmente. Quando permitidos, são mediados pelo proprietário do blog. (c) Nuvens de *tags* consistem em *links* direcionados às postagens e que cumprem o papel de organizar e permitir a recuperação de informações nos blogs, indicando as ocorrências de palavras-chave, por meio das quais os leitores acessam o universo de postagens e as informações. (d) *Blogrolls* caracterizam-se como listas de links preferenciais, em geral, arroladas num dos lados da interface e que indicam relações com outros blogs, outras instituições ou outros temas. [...] (e) RSS é um formato padrão que operacionaliza a noção de *content syndication*. Esta funcionalidade combina *feeds* RSS e softwares agregadores de notícias, permitindo que o leitor selecione e cadastre as fontes de maior interesse. Posteriormente, o *software* agregador permite recuperar automaticamente novos conteúdos das fontes selecionadas, o que significa que o leitor do *blog* não terá que acessar cada *blog* individualmente. (CAREGNATO; SOUZA, 2010, p. 58).

Existe na *web* uma variedade de *blogs* que se autodenominam literários e que em sua maioria utilizam a plataforma gratuita *Blogger* que é disponibilizada pelo *Google* ou então a plataforma *Wordpress*, que possibilita a criação tanto de *blogs* quanto de *sites* de forma gratuita. Estes *blogs* possuem parceria com editoras e autores e oferecem ao público informações sobre lançamentos, dicas, promoções, resenhas de livros, entre outros. Anualmente os *blogs* passam por processo de seleção ou renovação de parcerias. Quando um *blog* é parceiro de uma editora ganha exemplares de cortesia que deverão ser divulgados após a leitura. A forma mais usual de divulgação é através de resenhas. O blogueiro ganha exemplares para sortear entre os leitores e divulga as ações das editoras e dos autores parceiros através do *blog*.

Para Recuero (2003[?], *online*), *blogs* têm sido utilizados das mais diversas formas, todas relacionadas à publicação de ideias, algumas pessoais (diários) outras informacionais (publicações). E, segundo a autora, *blogs* podem ser categorizados como: diários eletrônicos, publicações eletrônicas e publicações mistas. Diários

eletrônicos são os *blogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *blogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor. O segundo tipo, publicações eletrônicas, são *blogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral como o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam. Finalmente, publicações mistas são aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

O mais interessante nos *blogs* atualmente é a possibilidade de interação entre blogueiros e leitores, que pode ir da liberdade de expressão à censura. O blogueiro tem o poder de escolher deixar público o comentário e até mesmo excluí-lo. O comentário fica disponível até o blogueiro permitir ou o próprio *blog* ser deletado. De acordo com Recuero (2011), a interação entre o comentarista e o autor do *blog* é “[...] uma interação construída, negociada e criativa. É possível observar-se em um *blog* não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas.” (RECUERO, 2011, p. 33). Para a autora, o *blog* é uma rede emergente porque é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais.

No caso de *blogs* literários, a interação é especialmente importante, porque quando se tem parceria com editoras e autores, a função é divulgar os livros e materiais impressos por eles; e receber uma aceitação por parte do público, para que, assim, os livros sejam procurados e comprados pelos leitores. Visibilidade (número de seguidores, visualizações), reputação (informações pessoais, profissionais, educacionais), popularidade (número de comentários), autoridade (recomendações de acesso) são valores importantes a serem construídos na internet, segundo Recuero (2011), e percebe-se que estes valores se aplicam perfeitamente aos *blogs*, principalmente aos literários. Um *blog* inserido em uma biblioteca pública tem uma função diferente, embora não se tenha a intenção de vender os produtos, mas sim de fazê-los circular, tirá-los das estantes até chegar às mãos dos usuários de forma gratuita. O *blog* de uma biblioteca precisa fazer o possível, contudo, para que tais valores sejam contemplados para assim atingir o objetivo de mediar a leitura de obras literárias.

2.2 Redes Sociais

Segundo Recuero (2011), rede social é um conjunto de dois elementos: atores, que podem ser pessoas, instituições ou grupos; e suas conexões, que são as interações. Para a autora: “Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede.” (RECUERO, 2009, p. 25).

Redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social. (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p. 75).

Rede social é o resultado das interações entre seus membros, que se constituem primariamente de indivíduos com interesses e objetivos comuns. Uma rede social é dinâmica, muda em relação ao tempo, não sendo estática. As redes sociais estão sendo cada vez mais utilizadas para a troca de informações, assim constituindo um novo ambiente de circulação da informação. Indivíduo, instituições, produtos, entidades, grupos podem ser representados mediante perfis e páginas.

Aguiar (2012) salienta que o Facebook, o Flickr, o Grouply, o LibraryThing, entre outros, são ferramentas, *sítes* ou suportes para as interações que constituem as redes sociais, não a rede social em si. Neste sentido, para a autora, não existem redes sociais sem pessoas, a tecnologia por si só é rede, não rede social. Dessa forma, para que essas ferramentas se tornem redes sociais na prática, precisa haver uma rede de relacionamento e uma interação entre as pessoas por meio delas. Rede social, para Aguiar (2012), é qualquer ferramenta que admita o diálogo entre seus membros e a visibilidade deste a todos do sistema.

Jovens e adultos estão cada vez mais conectados às redes sociais *online*. Dentre os fatores que levam usuários a se cadastrarem, podem ser citados: entretenimento, facilidade em se comunicar e acessibilidade à informação. Entre os jovens, a rede social é mais utilizada do que o *e-mail* e essa é uma tendência também para as outras faixas etárias. (CIRIBELI; PAIVA, 2011, p. 59).

Segundo Ciribeli e Paiva (2011), confunde-se muito redes sociais com mídias sociais, que, apesar de estarem no mesmo universo, são coisas distintas. Mídia

social é o meio que determinada rede social utiliza para se comunicar. São diversos os tipos de mídias sociais existentes, com diferentes finalidades e público-alvo, que têm foco em contatos profissionais, amizades, relacionamentos amorosos, pesquisas, dentre outros. Essas mídias dispõem de ferramentas que facilitam a comunicação entre os usuários, inteirando-os do conteúdo gerado por eles mesmos, com postagem de mensagens instantâneas e textos, compartilhamento de vídeos, áudios e imagens.

De acordo com Santaella (2008), existem três tipos de usuários da *web*: o navegador ou internauta errante, o internauta detetive e o internauta previdente. O navegador é quem promove inferências, explorando aleatoriamente o campo da hipermídia, em um processo gradativo de substituição da perplexidade pelo entendimento. Este usuário não possui experiência ou conhecimento suficientes sobre o que está pesquisando/buscando e por isso não se atém às informações. O internauta detetive é aquele que fundamenta sua busca, a partir de uma lógica de probabilidades, utilizando estratégias de busca promotora de avanços, erros e autocorreções. Este usuário possui algum conhecimento prévio ou acredita possuir sobre determinado ambiente virtual/assunto e seu objetivo é se apropriar de determinada informação na *web*. O internauta previdente é quem utiliza inferências dedutivas para avançar nos ambientes informacionais, seguindo a lógica da previsibilidade, pois já passou pelo processo de aprendizagem. Nota-se que este tipo de usuário da *web* possui alto grau de conhecimento e sua busca é premeditada e crítica, de modo que com o passar de sua análise, seus conhecimentos e olhar crítico são ampliados.

Para Recuero (2011), algumas mídias não foram criadas para serem redes sociais, mas acabam se tornando pela apropriação de seus atores, como ocorre no caso dos *blogs*, no qual não há espaço específico para perfil e divulgação das conexões. Porém, redes sociais também podem ser construídas nos espaços pessoais por seus participantes, por exemplo, através dos comentários e dos *links*. Portanto, *blogs* não são *sites* de redes sociais, como no caso do Facebook, mas podem ser apropriados como espaços de construção e exposição dessas redes.

O Facebook é considerado a rede social mais utilizada no Brasil e no mundo e foi criado por Mark Zuckerberg, enquanto era aluno de Harvard. O Facebook funciona através de perfis, páginas e grupos. Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, testes, ferramentas, entre outros). De acordo com

Barreto (2016), os participantes do Facebook ampliam a divulgação de textos nas redes sociais, os quais são caracterizados como publicidade espontânea que permitem que pessoas se transformem em autores, leitores e replicadores de escritas literárias autorais e de outros.

Todas essas possibilidades devem-se a *Web 2.0*, que, de acordo com Lima e Freire (2014), propicia a livre expressão e comunicação. Os indivíduos passaram a produzir os seus próprios documentos, comentários e a publicá-los direto na rede, sem a necessidade de grandes conhecimentos de programação HTML ou tecnologias sofisticadas de informática. A *Web 2.0* é também conhecida como a "*Web social*", devido às possibilidades de trabalho coletivo, possibilitando a criação de espaços mais interativos, de novos ambientes virtuais de socialização e compartilhamento de informações *online*. Os utilizadores da *Web 2.0* são criadores de conteúdos textuais, audiovisuais, de *software*, e são igualmente seus consumidores.

De acordo com Silva e Príncipe (2010), as ferramentas de *Web 2.0* permitem às bibliotecas tornar acessíveis os seus serviços, recursos e conteúdos onde e quando forem necessários e para uma quantidade cada vez maior de usuários. Para os autores, não se pode duvidar da mudança que a *Web 2.0*, com as suas ferramentas e modos de atuação, causa face à informação. As possibilidades de criação de conteúdo, de colaboração *online*, de uso e compartilhamento da informação que as redes sociais permitem são importantes desafios à transformação da ação no domínio da formação de usuários, e particularmente na dinamização no processo de aprendizagem. A aposta em canais e ferramentas de *Web social* para facilitar a aprendizagem, disseminar a informação e o uso que fazem dos sistemas disponíveis permite às bibliotecas e aos seus públicos mais comunicação, melhor colaboração e a contribuição na construção de comunidades *online*. É fundamental que os bibliotecários dominem as ferramentas e adquiram todo um novo conjunto de competências que lhes permita reforçar a presença das bibliotecas nas redes sociais e criar serviços de qualidade. (SILVA; PRÍNCIPE, 2010, p.3).

2.3 Arquitetura da informação

Segundo Macedo (2005), o termo arquitetura da informação (AI) foi utilizado pela primeira vez pelo arquiteto Richard Saul Wurman em 1976, que o definia como a ciência e a arte de criar instruções para espaços organizados. Wurman também definiu arquiteto da informação como o indivíduo capaz de organizar padrões inerentes aos dados, tornando clara sua complexidade; capaz de criar estruturas ou desenhos de informações que permitam aos outros encontrarem seus caminhos pessoais para o conhecimento; e capaz de estabelecer princípios sistêmicos, estruturais e ordenados para fazer algo funcionar o fazer pensado, tanto de artefatos quanto de ideias e políticas que informam por sua clareza.

Straioto (2002), denomina AI como o estudo dos elementos que compõem a estrutura de um *site* ou portal quanto à organização das informações, navegação pelo sistema, rotulagem, busca, conteúdo das informações, usabilidade e tipos de documento. Refere-se também ao desenho das informações (como textos, imagens e sons) e classificação dessas informações em agrupamentos de acordo com os objetivos do *site* e as necessidades dos usuários.

Para Camargo e Vidotti (2011), AI permite uma estrutura que visa a organização das informações para que os usuários possam acessá-las mais facilmente e encontrar seus caminhos para a construção de conhecimento. Segundo as autoras, auxilia na estruturação dos ambientes digitais viabilizando os processos de gestão em geral, principalmente da gestão da informação e do conhecimento.

A arquitetura da informação é uma área do conhecimento que oferece uma base teórica para tratar aspectos informacionais, estruturais, navegacionais, funcionais e visuais de ambientes informacionais digitais por meio de um conjunto de procedimentos metodológicos a fim de auxiliar no desenvolvimento e no aumento da usabilidade de tais ambientes e de seus conteúdos. (CAMARGO; VIDOTTI, 2011, p. 24).

Os ambientes informacionais digitais mencionados são todo e qualquer sistema que possui dados, que reúne informações a fim de suprir necessidades informacionais. Dentre eles estão: *sites*, *Websites*, portais, sistemas de informação, aplicações, entre outros. Ao pensar-se em AI deve considerar-se estética e aparência, assim como a utilidade e a praticidade destes ambientes.

A arquitetura da informação é abordada por Tomaél, Alcará e Silva (2008) como sendo um indicador de avaliação da qualidade de fontes de informação na internet, e seus critérios são:

- a) mídias: mídia em que as informações são disponibilizadas e a sua adequação quanto ao uso e aos propósitos da entidade que disponibiliza a informação;
- b) acessibilidade: possibilidade de um produto informacional atingir o maior número de usuários, atendendo preferências e necessidades de informação. A informação disponível precisa ser legível e compreensível pelo usuário;
- c) usabilidade: capacidade de um produto ser usado por um público específico para atingir objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação num contexto específico de uso. Este critério envolve a coesão entre os elementos que compõem a interface e a informação que disponibiliza. Portanto, é importante: facilidade de uso da interface - simplicidade e objetividade, com recursos que propiciem a movimentação pela fonte por meio de *links* e sistema de busca, com possibilidade de avançar e retroceder página a página e saber em que página se encontra; coerência entre texto, cores e plano de fundo; menus estruturados para facilitar a navegação e a localização das informações;
- d) organização: estruturação dos conteúdos, apresentando as informações em categorias adequadas ao seu conteúdo, reunindo similares, com possibilidade de inserção de novas informações;
- e) navegação: possibilidade do uso de forma contínua. Este critério aponta dois elementos importantes, e são eles: hipertextualidade e hipermediação. A hipertextualidade diz respeito aos *links*. Este aspecto identifica para onde os *links* apontam, se há uma relação apropriada entre as informações originais e para o que apontam. Os *links* têm que agregar valor à temática e permanecerem ativos. Hipermediação diz respeito aos formatos diferentes de arquivos, que devem coexistir harmonicamente. Imagens estáticas, *gifs*, áudio e texto, quando apresentados juntos, como integrantes da mesma informação, devem ser identificados facilmente como algo único;
- f) rotulagem: identificação dos conteúdos pelo uso de imagens, palavras ou termos que os representem adequadamente e com linguagem em nível de entendimento do usuário;

g) busca: sistema de pesquisa diretamente na fonte, com recursos que possibilitem a recuperação da informação de forma rápida e precisa.

Para Agner (2012, p. 89), a arquitetura da informação “[...] está preocupada com o projeto, a implementação e a manutenção de espaços informacionais digitais para o acesso humano, a navegação e o uso.”. Para o autor, a arquitetura da informação pode ser compreendida como quatro sistemas interdependentes: sistema de organização, sistema de rotulação, sistema de navegação e sistema de busca. Sistema de organização define como é apresentada a organização e a categorização do conteúdo. A informação deve ser organizada de forma a garantir que os usuários obtenham suas respostas. Sistema de rotulação define as palavras-chave para cada elemento informativo, a fim de dar suporte à navegação. Sistema de navegação envolve as formas de se mover através do espaço informacional que englobam os *links*, as subseções do *site*, a busca, entre outros. Por fim, o sistema de busca determina as necessidades dos usuários, prevendo as perguntas que poderão ser feitas e as respostas que serão obtidas. O usuário expressa sua necessidade ao digitar na caixa de pesquisa.

Arquitetura da informação determina a interface aplicada a qualquer ambiente informacional, como o espaço que integra contextos, conteúdos e usuários. Para Vidal (2000, p. 4): “Qualquer forma de interação entre o componente humano e os demais componentes do sistema de trabalho constituir-se-á em uma interface.”. De acordo com Agner (2012, p. 32): “Uma interface só é bem-sucedida se ela der o suporte adequado aos objetivos e ao comportamento do usuário real.”.

De acordo com Nielsen e Loranger (2007), a usabilidade é um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente, refere-se à rapidez com que os usuários podem aprender a usar alguma coisa, a eficiência deles ao usá-la, o quanto lembram daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-la. Se as pessoas não puderem utilizar ou não utilizarem um recurso, ele pode muito bem não existir. Para os autores, um dos benefícios da usabilidade é tornar mais fácil e mais agradável lidar com tecnologia. Os *sites* com alta usabilidade têm maior chance de serem selecionados.

2.4 Mediação de leitura

Segundo Barros (2006) mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário, eficiente e eficazmente, formando leitores. É importante que bibliotecários, como mediadores, conheçam leitura e literatura, o que lhes dará competência. Nesse sentido, Barros ainda acrescenta que intervenção como mediação significa o conhecimento prévio de conteúdos que possam contribuir para a formação e para o desenvolvimento pessoal do leitor, englobando intelecto e imaginário. Intercessão significa o trabalho em prol do leitor, a busca da qualidade do produto oferecido a ele, a criação de serviços e facilidades que se ajustem aos seus interesses de leitura e de informação, traduzidos por ação interessada.

Ler não é simplesmente decifrar códigos, mas sim cotejar ideias e mensagens inerentes a um texto. Segundo Barros (2006), é mais do que isso; é atribuir sentido às palavras escritas, de acordo com o referencial próprio de cada leitor, o que dá uma interpretação particular ao lido. Por isso, formar um leitor é um processo delicado e demorado, visto que muitos textos, para serem compreendidos, necessitam de uma significativa “bagagem” informacional e mesmo cultural. Sendo assim, o mediador precisa saber que, assim como Barros (2006) afirma, habilidades e competências para a leitura variam de indivíduo para indivíduo.

A leitura – aqui entendida como leitura informacional, ou seja, a que está presente quando da apropriação, por parte do, usuário, da informação que resultará em alteração, em transformação de seu conhecimento – é vista como imprescindível na apropriação da informação e, portanto, constitui uma das principais atribuições do profissional da informação, independentemente do equipamento informacional em que atua, dos suportes com os quais lida e das inúmeras linguagens que utiliza para disseminar informações. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, *online*).

Espera-se uma intervenção transformadora do mediador, considerando que a diversidade de leituras tende a estimular o indivíduo a desenvolver uma visão mais crítica da sociedade, possibilitando uma visão ampla e combinada do mundo e de si mesmo, levando a um posicionamento mais aberto e flexível perante a vida. Portanto, segundo Moro e Estabel (2011), a mediação pode ser compreendida como a relação do homem com o mundo e com os outros homens e possibilita que a atenção, memória, imaginação, pensamento e linguagem possam se desenvolver.

Nesse sentido, pode-se utilizar o conceito de Davallon (2007, p. 4) que afirma que a mediação visa fazer ascender um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre os dois universos estranhos um ao outro (o do público e da obra literária, por exemplo) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.

O que ocorre, diferentemente de épocas anteriores, é que as Tecnologias da Informação e Comunicação - as TICs - configuram agora a possibilidade de criação de espaços menos hierárquicos de circulação dessas informações, podendo fazer de cada leitor um coautor, um potencial crítico, ou um mediador da informação cultural (ALMEIDA, 2009, p. 169). O bibliotecário precisa conhecer e usar as ferramentas, os serviços e os produtos possíveis e disponíveis; tem que ser leitor antes de buscar que outros sejam.

Um leitor proficiente percebe um texto como um todo, não como mera soma de palavras isoladas. Esse leitor percebe a informação como um produto natural de sua leitura. Normalmente, quanto mais lê, melhor entende e mais independente o indivíduo se torna. Todo leitor é de certa forma também um coautor, porque ao ler, coloca em ação toda a sua experiência de vida para entender e, ao final, entretecer o texto lido com sua vida. Com isso, constrói um novo texto, o seu texto, que faz com que o que foi lido adquira um sentido para a sua vida. Sob essa perspectiva, o uso da leitura na formação do bibliotecário é vital [...]. (FERREIRA; BONOTTO; VAN der Laan, 2007, p. 91).

Davallon (2007) analisa a noção de mediação, refletindo sobre alguns usos possíveis para o termo. Além do conceito mencionado anteriormente usado pelo autor, o mais comum é a concepção da mediação como um tipo de prática ou ação, ou seja, a ideia de servir de intermediário: “[...] o papel de intermediário facilitando a comunicação é supostamente favorecer a passagem a um estado melhor.” (DAVALLON, 2007, p. 6). O autor ainda afirma que esse entendimento está presente na Ciência da Informação e na Comunicação quando apresentam procedimentos de mediação nas organizações e na atividade profissional de cada área.

Almeida Júnior, Almeida e Francisco (2004) acreditam que a mediação entre a necessidade informacional do usuário e a informação que pretende sanar tal necessidade deve pressupor a interferência, não só do profissional bibliotecário, como também de outros tantos fatores que participam ou estão presentes no momento da mediação. Os autores ainda afirmam que a interferência só existe porque não existe a neutralidade, ou seja, defende-se aqui que o trabalho do homem - entendido como uma interferência no mundo - nunca é neutro, isento ou imparcial,

ao contrário, qualquer ação do homem redundará em uma mudança, em uma alteração, mínima ou não, do mundo.

Neste sentido, Almeida Júnior (2008) define mediação da informação como sendo,

[...] toda a ação de interferência - realizada pelo profissional da informação - direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 46).

Desta forma, sem fugir ao tema, pode-se refletir acerca da postura do bibliotecário. Afinal, ao selecionar a obra que pretende divulgar e incentivar para que as pessoas leiam, prova que “[...] um simples ato profissional define o universo de informações a que um grupo de usuários terá acesso, pode-se dizer que o bibliotecário detém o poder. O poder.” (VERGUEIRO, 1997, p. 3). Portanto, já que, ao assumir seu papel, o profissional pode interferir nas escolhas dos indivíduos, que seja da melhor maneira, buscando o melhor no que tange à leitura e à literatura, assim como Shera destaca, em relação ao acervo físico de uma biblioteca,

[...] nenhum bibliotecário pode, naturalmente, obter todos os livros; nenhuma biblioteca pode atender a todas as necessidades. As bibliotecas não podem crescer indefinidamente. Deve haver um tamanho ótimo para toda a biblioteca que, indubitavelmente, varia de situação para situação, e nós não sabemos o que vem a ser este ótimo. Sempre deverá, portanto, existir seleção, até nas maiores bibliotecas. Nem todos os livros têm valor permanente, e muitos livros nem mesmo têm valor. Somente grandes livros são clássicos, imortais. Livros, como as pessoas, têm "direito" a morrer. (SHERA 1976, *apud* FIGUEIREDO; LIMA, 1984, p. 137)¹.

A seleção deve priorizar determinadas obras em detrimento de outras, já que não se pode selecionar tudo, há a necessidade de escolher o melhor. Assim também, bibliotecários em seu papel de mediadores devem selecionar, adquirir, organizar e disseminar a informação, pensando e aplicando medidas capazes de estimular a leitura literária de qualidade e assim desenvolver a prática e o gosto pela leitura em diversos meios e suportes, abrangendo tanto ao acervo físico quanto ao virtual.

Mediação de leitura não consiste em ensinar o processo mecânico, através do qual o indivíduo adquire domínio de signos e símbolos que representam a linguagem oral e escrita. Mediação é uma interação que permite acúmulo de referências que

¹ SHERA, J. *Introduction to library science: basic elements of library service*. Littleton: Libraries Unlimited, 1976.

tornarão o indivíduo capaz de se comunicar de forma mais completa. O leitor passa a atribuir sentido aos textos; alarga-se sua compreensão de mundo em seu sentido amplo.

Só um profissional comprometido consegue adotar tais procedimentos, de chegar a exercer essa função de mediação. Os que adotam tais procedimentos são comprometidos com a “função” em si, mas ela não existe em si mesma; há a necessidade de leitura permanente por parte desse profissional, e não apenas didática e informativa, já que verdadeiros leitores não se limitam a elas. Contudo, veem no texto literário, possibilidades de ampliar fronteiras do pensamento, seu e de seus semelhantes. O sentido não está no texto do livro na estante; o texto deste livro só terá sentido na interação com o leitor que só se dá por meio da leitura que é facilitada/concretizada através da mediação.

Mediação requer compartilhamento, troca; e o compartilhamento e a troca pressupõem interação entre indivíduos. Um indivíduo partilha com outro uma informação que detém e que atenda certa necessidade. Por isso, o bibliotecário deve, antes de mais nada, conhecer as necessidades de informação de seu usuário.

2.5 Literatura

Há várias concepções sobre literatura e alguns estudiosos antigos referem-se ao tema como uma ciência. Contudo, não se procurou com esta pesquisa, apresentar o assunto neste âmbito, nem, tampouco, apresentar seu histórico completo, estilos de época e/ou definições das mais remotas, afinal não é este o propósito deste trabalho. Portanto, não se pretendeu incitar longas discussões; contudo, são apresentados conceitos e definições básicas de forma clara e objetiva, a fim de propiciar entendimento do contexto em que se insere este estudo. Basicamente, é tratada a literatura literária (de ficção), a fim de justificar sua mediação na biblioteca pública, através, por exemplo, de uma resenha.

Acredita-se que tenha sido na Alemanha de 1770 que o termo literatura surgiu para “[...] designar o conjunto, a soma das obras poéticas, narrativas, filosóficas, retóricas e dramáticas produzidas num determinado país e numa certa época.” (O que é ..., 1979, p. 40).

Segundo José Veríssimo² (2001), que é considerado um dos grandes críticos literários brasileiros, em seu famoso ensaio, discute justamente a dificuldade de chegar-se a um consenso quanto a definição do termo literatura.

Várias são as acepções do termo literatura: conjunto da produção intelectual humana escrita; conjunto de obras especialmente literárias; conjunto de obras sobre um dado assunto, ao que chamamos mais vernaculamente bibliografia de um assunto ou matéria; boas letras; e, além de outros derivados secundários, um ramo especial daquela produção, uma variedade da Arte, a arte literária. (VERÍSSIMO, 2001, p. 23).

A expressão literária, segundo Roland Barthes³, é uma manifestação de tipo estético, de tipo artístico; é uma expressão estética que opera através de signos muito rigorosos. Segundo Veríssimo (2001), o que separa literatura da ciência é que ciência é saber, verdade, conhecimento, enquanto literatura é emoção. Contudo, segundo ele, o que caracteriza literatura também é a permanência do valor dos seus

² “Que é literatura? e outros escritos”, de José Veríssimo foi originalmente publicado em 1907 e desde então não havia sido reeditado. A editora Landy traz então sua reedição (2001) e segundo o tradutor João Alexandre Barbosa, os textos da obra são algumas preciosidades que depois de quase cem anos (mais de cem atualmente), são postos novamente em circulação.

³ Entrevista com Roland Barthes contida na obra: O que é a literatura. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, ©1979.

produtos. Não basta que um livro de literatura contenha verdades permanentes, é preciso que ele tenha por si mesmo um interesse permanente. É a possibilidade de provocar emoções que dá a uma obra literária interesse permanente e, conseqüentemente, condição literária. Veríssimo (2001, p. 32) concorda com Winchester⁴ que os elementos da obra literária são: a emoção, a imaginação, o pensamento e a forma. A emoção é o elemento característico da literatura; sem a imaginação, não é possível em muitos casos despertar a emoção; o pensamento, deve ser a base de toda forma de arte; e a forma, que não é em si mesmo um fim, senão o meio pelo qual se dá expressão ao pensamento e ao sentimento.

Para Barros (2006), a literatura é um dos componentes fundamentais no processo de desenvolvimento do indivíduo, pois propicia resolver conflitos internos, além de estimular sua imaginação, contribuindo para que o lúdico esteja presente em sua vida cotidiana.

Segundo Silva (2014), obras de qualidade literária são aquelas planejadas, estruturadas e escritas de forma artística, seguindo preceitos estéticos. Essas obras geralmente suscitam críticas em periódicos especializados e em livros de ensaios de estudiosos da literatura, assim como são estudadas nas universidades e resultam em trabalhos acadêmicos.

O conhecimento de literatura por parte dos bibliotecários faz-se também importante por diversos motivos:

- a) o público interessado em literatura é o mais assíduo em bibliotecas públicas, escolares e universitárias;
- b) os estudiosos de literatura precisam de grande volume de obras para análise, possuem dinâmica de leitura e têm de se comunicar com profissionais de biblioteconomia que entendam sua linguagem e interesses;
- c) bons leitores de literatura adquirem maior capacidade de interpretar textos;
- d) o incentivo à leitura com crianças e adolescentes é desenvolvido por meio de obras literárias;
- e) a literatura é de interesse geral e não de um grupo ou classe profissional específica. (SILVA, 2014, p.98).

Segundo Bernardo (2005), qualidade em literatura é entendida, primeiramente como: ficção é boa, se, e somente se, não tem tudo a ver com a realidade, isto é, se souber apresentar a suposta realidade sob nova perspectiva, sob nova face. A partir deste critério, o autor levanta dois subcritérios: um livro de ficção é bom quando nos motiva a relê-lo, a ler outros livros, ou mesmo ficar pensando na história por horas e horas; um livro de ficção é bom se a cada vez que o lemos ele desperta

⁴ WINCHESTER, C.T. *Some principles of literary criticism*, New York, 1899.

entendimentos e sensações diferentes. O autor continua então com o segundo critério: a ficção é boa, se, e somente se, não tem tudo a ver com o leitor e o leva a vivenciar uma catarse completa, tornando-o diferente e/ou até melhor do que era antes da leitura. Todavia, para Azevedo (2005) a ficção é capaz de trazer muitos elementos subjetivos à tona, de forma a fazer com que o leitor identifique sua própria “realidade” ao realizar a leitura.

Através da ficção e da linguagem poética, os assuntos subjetivos, assuntos que não implicam nem são passíveis de lições, sistemas de controle e soluções unívocas, mas, sim, de opiniões pessoais, emoções, conflitos, discussões e controvérsias, podem vir à tona. (AZEVEDO, 2005, p.32).

Concorda-se com Cisto (2005) e com Queirós (2005) que, quando tratam de obras literárias, deixam claro que literatura não existe sem qualidade, existem apenas textos e livros, e não obras; e dizer “boa obra” seria até certa redundância, já que o termo obra pressupõe algo bom, valoroso. Por isso, quando feita referência a obras literárias, tal está sendo feita a livros e a textos de literatura (e) de qualidade.

Literariedade, de acordo com Oliveira (2005) é uma das exigências contratuais de qualquer gênero literário e está na própria essência da literatura. Trata-se, para a autora, de cláusula pétrea no contrato de comunicação de qualquer gênero literário e, quanto mais uma obra se afasta dela, mais compromete seu valor estético e, portanto, sua qualidade. O profissional da informação deve orientar a sociedade quanto a leitura de obras literárias, quanto aos gêneros em que elas se apresentam; oferecer aquelas que agreguem valores, que tenham conteúdo consistente, de acordo com a definição de estudiosos da área, a fim de intervir positivamente na construção de reflexões e porque não, novos conhecimentos. Afinal, este é o seu papel como mediador de informação.

2.5.1 GÊNEROS LITERÁRIOS

Conceituar literatura e gêneros literários, chegando a um consenso único e fechado não é objetivo principal deste trabalho, visto a variedade de opiniões e estudos sobre o tema. Contudo, aprende-se na escola que existem três grandes gêneros: o narrativo, o lírico e o dramático, com suas respectivas subdivisões. Através de pesquisas a teóricos da área é possível considerar que os gêneros

tradicionais - lírico, épico (narrativo) e dramático - foram acolhidos dentre os estudiosos como sendo os gêneros fundamentais. Mas o que vem a ser gênero afinal de contas? A palavra gênero significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração. Na literatura, “é o que se vem fazendo através dos tempos, é filiar cada obra literária a uma classe ou espécie; ou ainda é mostrar como certo tempo de nascimento e certa origem geram uma nova modalidade literária”. (COUTINHO, 1967, p. 7).

Tendo em vista os novos meios de compartilhamento de ideias e opiniões e de interação entre os indivíduos, é possível considerar que a literatura vem sofrendo mudanças e incitando discussões diversas e controversas entre estudiosos e/ou pseudoestudiosos da área. Encontram-se denominações diversas para gêneros, principalmente no mundo virtual. Em inúmeros *blogs* que se autodenominam literários, encontram-se tipologias de assim chamados gêneros sem nenhum respaldo da área; no entanto, estão sendo aceitos como tal pelos leitores, editoras e autores que acompanham estes *blogs*. Fazendo uma busca rápida pelo mundo virtual encontra-se alguns dos ditos “novos” gêneros, e são eles: *sick-lit*, *chick-lit*, *distopia*, *young adult*, *new adult*.

A questão principal é que esses gêneros na verdade não são novos, não é como se os livros de hoje fossem tão diferentes dos de ontem que criassem um gênero novo. Para falar bem a verdade é só um nome novo para uma coisa que já existia, ou uma nova forma de agrupar os livros, um reage Lulu do mundo literário. (BIBLIOTECA ..., 2013, *online*).

Em *sites* de notícias *online*⁵, encontram-se algumas discussões sobre esses novos gêneros e até no *site* de uma das livrarias mais conhecidas do Brasil⁶ é possível conferir um pouco sobre o assunto. No caso do *sick-lit*, os temas abordados são: doenças graves, depressão, anorexia, tentativas de suicídio e outros problemas

⁵ Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2015/05/novos-generos-young-adult-e-new-adult-sao-febre-entre-os-leitores-4757532.html>>. Acesso em: 06 jul 2016.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganha-subdivisoes-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>>. Acesso em: 06 jul 2016.

Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2013/05/28/73226-surge-uma-nova-categoria-de-leitores-o-new-adult>>. Acesso em: 06 jul 2016.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/sick-lit-nova-polemica-literatura-para-adolescentes-7633735>>. Acesso em: 06 jul 2016.

⁶ Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/50331>>. Acesso em: 06 jul 2016.

realistas que de acordo com estes *sites*, a fantasia costumava ignorar; tratando-se de *chick-lit*, a leitura é leve, alegre e relaxada, voltada para mulheres; na distopia, o mundo é controlado por alguma organização governamental que torna as pessoas apenas fantoches que precisam cumprir as regras sem reclamar; *young adult* são livros escritos para adolescentes, ou com protagonistas adolescentes que tratam de conflitos com a família, traição entre amigos, dúvidas com relação ao futuro profissional, busca pelo primeiro amor; *new adult*, mirando um público mais adulto, as tramas se desenrolam com base em vidas de mulheres comuns - jornalistas, secretárias, advogadas..., que trocam suas vidas, o trabalho, amigos e amor para viver uma grande aventura e o amor sempre entra em cheque durante a narrativa.

Ainda não existe disponível uma obra de teoria e/ou de crítica literária que discuta e estude a fundo esses assim chamados novos gêneros que estão sendo apresentados via *web*. Gênero literário é certa categoria de obras, determinada segundo e conforme a tradição, bem como pelos critérios de estilo, tom e assunto. De acordo com a forma, o gênero pode ser em verso, em prosa ou mista (quando apresenta as formas verso e prosa na mesma proporção). Muito embora uma obra possa apresentar ambas as formas, o que vai determinar a classificação é sua predominância.

Segundo Coutinho (1967), os gêneros existem, correspondendo a uma realidade essencial do fenômeno literário; representam um sistema de artifícios e convenções estéticas, que devem (ou deveriam) ser respeitados, e que o autor usa ou renova e o leitor aceita e compreende, devido a estrutura, métrica, tema, tipo narrativo, entre outros. Coutinho ainda trata de gêneros, discutindo que se pode classificar os gêneros literários conforme o modo como o autor se dirige ao leitor para transmitir-lhe a sua interpretação artística da realidade, fazendo-o diretamente, em seu próprio nome, explanando seus pontos de vista, por meio da crônica; fazendo indiretamente, usando artifícios que veiculam a história e incorpora a interpretação, através da epopeia, da ficção, ou por meio de uma representação mimética da realidade pela comédia e/ou tragédia, e ainda, através de símbolos, imagens, música, ritmo, por meio da poesia, por exemplo.

Segundo Coutinho (1967), Kayser (1976), Tavares (1981), Soares (1993), Veríssimo (2001) e Pase e Cruz (2012), serão apresentados e definidos os gêneros e suas subdivisões, denominadas também como espécies mais comuns.

2.5.1.1 GÊNERO ÉPICO OU NARRATIVO

O gênero épico (expressão mais antiga) ou narrativo tem como base o relato, e surgiu com a necessidade do homem de contar suas experiências em diferentes contextos hostis, de guerra e de desbravamentos. Apesar dos acontecimentos não serem reais, o cuidado com a verossimilhança dos fatos é primordial como já preconizava Aristóteles em sua *Arte Poética*. O autor tem que fazer com que seu leitor acredite no que está lendo, apesar de não ter ocorrido na vida real. Há o tipo de epopeias consideradas naturais, que são as primitivas, as espontâneas e anônimas, que brotaram das lendas e tradições de um povo. Neste caso, existe dúvida em relação a autoria da obra, como por exemplo: *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídas a Homero. As epopeias denominadas artificiais são as que apresentam autoria indiscutível, como por exemplo: *Eneida*, de Virgílio e *Divina Comédia*, de Dante. Quanto à época, existem as clássicas antigas, como as já citadas *Ilíada* e *Odisséia*; as clássicas modernas: *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões e *Uruguai*, de Basílio da Gama; as medievais, como a já citada *Divina Comédia*; e as românticas e modernas, como por exemplo: *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Quanto à forma, todas são moduladas em verso. Contudo, a partir do romantismo surgiram as epopeias em prosa.

Hoje, o romance, a novela, o conto e a crônica são as formas mais comuns em que se apresenta o gênero narrativo, e não necessariamente tratam de grandes feitos heroicos como os épicos do passado, e formam hoje o conjunto desses subgêneros, denominado **prosa de ficção**. A narrativa é a exposição escrita e pormenorizada de uma série de acontecimentos, apresentada sob forma literária. A ficção utiliza o método de interpretar a realidade por meio de uma estória que a incorpora. Os elementos da ficção correspondem a três perguntas que se pode fazer em face de uma obra desse gênero. Quem participa nos acontecimentos? Que acontece? Onde e em que circunstâncias acontece? Desta maneira, personagens, enredo, diálogo, tempo e lugar de ação, estilo, temática e filosofia de vida são os componentes da estrutura da ficção. Todavia, os acontecimentos até podem ser baseados em fatos, mas é difícil distinguir o que é real do que é produto da imaginação ou da fantasia.

O gênero narrativo varia de forma de acordo com determinadas características intrínsecas. Assim, a forma de uma narrativa resulta da extensão do material utilizado, da esfera da ação, e da organização interna desse material, de modo a produzir a unidade de efeito. A seguir, são detalhados as principais subdivisões do gênero narrativo.

O **romance** é uma forma narrativa que se volta para o homem como indivíduo; aparece na Idade Média com o romance de cavalaria, já como ficção sem nenhum compromisso com o relato de fatos históricos passados. Trata-se de um texto mais complexo, devido à intensidade das inter-relações entre os elementos e da elaboração das tramas que o compõem. O romance tenta retratar a vida, buscando colocar na trama uma variedade de situações existentes no mundo real e abrange todos os assuntos. Em geral tem várias linhas narrativas e resulta em uma narrativa mais longa. Na maioria dos casos detecta-se um personagem principal – o protagonista (ao qual se opõe o antagonista) -, e personagens secundários, embora, nem sempre sejam facilmente identificáveis. O romance comporta os mais variados assuntos. Assim, tem-se romances históricos, psicológicos, experimentais, cientificistas, sentimentais, de aventuras, de capa e espada, policiais. Exemplos de romances brasileiros: O Cortiço, de Aluísio de Azevedo; Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa; Dom Casmurro, de Machado de Assis.

A **novela** é um texto que, num primeiro momento, apresenta as mesmas características do romance, sem a estrutura complexa deste, e por isso se apresenta de forma mais reduzida. A ação transcorre de forma mais linear sem uma análise mais profunda, chegando ao desfecho rapidamente. Comparada ao romance, resulta, em geral, em uma narrativa mais curta. Os acontecimentos normalmente não são abordados com profundidade. O predomínio da ação muitas vezes favorece a construção dialogada e dá à novela uma feição dramática. Vale destacar que *novel* - em inglês - e *novela* - em espanhol - equivalem a romance e não a novela. Exemplos de novelas brasileiras: O Alienista, de Machado de Assis; O Pêndulo do Relógio, de Charles Kiefer; Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro; Os Ratos, de Dionélio Machado.

O **conto** é consideravelmente menor do que a novela em extensão e elimina as análises minuciosas e complicações do enredo. O autor utiliza-se de poucos personagens, vivenciando uma trama intensa e pontual em uma perspectiva de espaço e tempo limitados. Contudo, o autor também tem uma preocupação

significativa em relação a verossimilhança, dando ao texto temas que retratam situações reais, vivenciadas por muitos leitores. Pela sua pequena extensão, sobressai o caráter poético do conto. Vale destacar que não se deve confundir conto literário com conto popular, folclórico ou fantástico, como os de Grimm ou Perrault. Exemplo de contos: Contos de Escola, de Machado de Assis; O Colocador de Pronomes, de Monteiro Lobato. Outros autores se destacam, como: Rubem Fonseca, Martha Medeiros, Fabrício Carpinejar, Sérgio Porto, que também escrevem crônicas

A **crônica** é vista como um texto que tem como foco principal o diálogo do autor com o seu interlocutor sobre um fato do cotidiano. É considerada como um registro poético e muitas vezes irônico pela captação do imaginário em suas manifestações cotidianas. Ela se utiliza do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, de personalidades reais..., captando o instante, não captando a totalidade dos fatos. A ênfase é dada ao pensamento do autor, sua visão de mundo. Pode analisar um fato corrente, o que muitas vezes torna a sua leitura anacrônica em tempos posteriores. Pode também expressar a opinião do autor sobre atos e fatos da vida cotidiana, ou ainda relatar pequenos episódios, envolvendo sempre a reflexão do autor sobre os mesmos. Capta um flagrante da vida, pitoresco e atual, real ou imaginário, com ampla variedade temática e num tom poético, embora coloquial da linguagem oral. Exemplo de crônica: O Homem Nu, de Fernando Sabino. Outros autores brasileiros que escrevem crônicas: Luís Fernando Veríssimo e Rubem Braga.

Uma espécie pode comportar mais de um gênero. Há romances predominantemente narrativos, embora existam também os líricos e os dramáticos, por exemplo. A poesia é a forma mais usual em que se apresenta o gênero lírico, e embora acredita-se, muitas vezes, que só exista a poesia em verso, há aquela escrita em prosa e estas distinções serão apresentadas a seguir.

2.5.1.2 GÊNERO LÍRICO

No gênero lírico, que se concretiza na **poesia**, temos o sentimento e a emoção não apresentados por um narrador, mas sim, por um eu-lírico - através da palavra. Nele, o sujeito poético, utilizando-se de versos e apropriando-se das repetições de palavras e sons, do ritmo, da rima, da musicalidade e, fundamentalmente da linguagem figurada, atinge o seu objetivo: transmitir o mundo subjetivo. O poeta expressa seus sentimentos, suas emoções suas reflexões e sua visão de mundo, de maneira a atingir a excelência estética em termos de utilização da palavra, fugindo de seu aspecto denotativo, prosaico e cotidiano e dando-lhe conotações próprias. A poesia é a linguagem do conteúdo lírico, escrita em verso, na maioria dos casos e deve ser rítmica e melódica, ou seja, seu fim é representar o belo por meio da palavra rítmica. A poesia é a linguagem do conteúdo lírico ou emotivo, mas pode também apresentar conteúdo mais cotidiano e apresenta-se em geral em verso.

O texto lírico permite que cada leitor chegue a sua própria interpretação, todavia só será poesia lírica quando seu conteúdo encerrar sentimentos pessoais do autor. Contudo, quando a poesia estiver em forma de prosa, dá-se o nome de poesia em prosa ou prosa poética, como, por exemplo, a obra *Colheita de Frutos*, de Rabindranath Tagore. Entende-se por verso uma linha de sentido completo ou não, que constitui a unidade rítmica de um poema. Na prosa predomina o ritmo lógico, que se observa pela pontuação, com uso, por exemplo de pontos de interrogação e exclamação, reticências, parêntese, ponto final, vírgula, dois pontos, etc. Vale lembrar, que embora cada obra poética seja poesia, individualmente cada obra poética é um **poema**.

Pode referir-se a poesia como uma forma de expressão artística que opera, que trabalha, com o infinito número de possibilidades combinatórias que o arsenal semântico e musical da língua oferece. Exemplos de poesia brasileira: *Poema de Sete Faces*, de Carlos Drummond de Andrade; *Vou-me Embora Pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira; *Vida e Morte Severina*, de João Cabral de Melo Neto; *Contra a Esperança*, de Carlos Nejar.

No gênero lírico há a predominância de elementos emocionais, em especial na poesia lírica. Assim também, pode acontecer esta predominância no gênero dramático, como ver-se-á a seguir.

2.5.1.3 GÊNERO DRAMÁTICO

O gênero dramático é aquele que para Aristóteles imita a realidade por meio de personagens em ação e não da narração. É o **teatro**. São textos criados com intuito de serem representados, encenados por atores, através de diálogos, fazendo com que ocorra uma sequência de cenas em que as ações ocorrem de forma a produzir causa e efeito. Quando, num espaço especial, por meio de palavras e gestos, apresenta-se um acontecimento, tem-se o teatro. Na antiguidade definia-se o drama como imitação, ou paródia do ser humano de forma genérica. O gênero dramático costuma ser dividido em dois grandes tipos: tragédia e comédia.

A **tragédia** clássica aborda temas como lutas entre deuses e seu destino. Situações em que o personagem cometeu algum erro e, por isso, precisa ser punido. Contudo, esse homem ou mulher, normalmente de alta estirpe, aceita essa punição com superioridade, com ética, sabendo enfrentar esse castigo. Aristóteles via a tragédia como a imitação de uma ação com uma linguagem apurada no seu gênero, executada por pessoas em ação e não por meio de relato. Obras como Édipo Rei, Antígona, de Sófocles; Medeia, de Eurípedes são exemplos de tragédias clássicas.

A tragédia apodera-se do trágico de tal modo que ele se converte no ponto central de organização. Concentra o seu mundo dramaticamente construído em ordem ao fim trágico e potencializa por um lado o absurdo da catástrofe. A tragédia grega apodera-se, sobretudo de situações em que seres humanos de alta posição preparam a ruína ou queda de seus semelhantes: mãe que mata os filhos (Medeia) ou o filho que mata a mãe (Orestes), entre outros. Estas características da tragédia suscitam indagações, afinal, como se pode ser ao mesmo tempo culpado e feliz, escravo e livre? O herói trágico se define a partir dessas premissas, e sua motivação é a de superar-se a si mesmo. O fim da tragédia clássica intenta comover ou purificar, inspirar terror e compaixão. Para tal, serve-se dos grandes feitos da virtude

ou do crime, em que a virtude supera as mais terríveis desgraças e o crime é atingido pelo castigo implacável.

Existe também a tragédia que usa de pessoas comuns, ocupando-se de suas ações e sofrimentos, embora não se preocupe em dar a obra uma dimensão social, o que já ocorre na tragédia moderna. Na tragédia moderna sintetiza-se o caráter ao mesmo tempo social e pessoal das aspirações e dos obstáculos que o indivíduo tem de superar. Esta espécie de gênero dramático evoluiu, fala-se de tragédia naturalista, por exemplo, na qual os seres humanos ainda sofrem, porém, são submetidos aos ditames na natureza, não havendo mais vestígios de qualquer divindade.

As tragédias antigas foram quase sempre escritas em forma de verso. Foi a partir do romantismo que as peças teatrais começaram a ser feitas de preferência em prosa.

No outro extremo, a **comédia** aborda temas relacionados à vida, a fatos pertencentes ao momento presente, ao cotidiano de pessoas comuns e simples. Além disso, esses textos cômicos apresentam uma temática voltada tanto para a crítica social como para o humor. Para Aristóteles, a comédia é inferior em comparação com a tragédia, visto ser a imitação de maus costumes, dando destaque ao ridículo. É possível encontrar na comédia antiga vários assuntos, como mitos, filosofia, por exemplo, tratados de maneira não muito respeitosa.

Assim também, há a comédia de caráter predominantemente baseada na representação de costumes. Contudo, a função primordial da comédia é a de provocar o riso, utilizando-se de contrastes. Exemplos de comédias clássicas: *As Rãs*, de Aristófanes; *A sogra*, de Terêncio. Entre os brasileiros, destacam-se as comédias de Martins Pena, entre elas *Quem Casa Quer Casa*.

O gênero dramático inclui, além das criações clássicas, tragédia e comédia, outros tipos, e vale mencioná-los brevemente, como por exemplo, as criações medievais, em que predomina a representação de acontecimentos ligados ao âmbito religioso, como as moralidades e os mistérios; a criação renascentista, destacando-se aqui a tragicomédia, na qual são representados acontecimentos funestos, mas o desfecho é feliz, muito embora não seja apenas engraçado; a criação romântica, na qual se destaca o drama. O drama apresenta características da tragédia e cenas que lembram a comédia; mais precisamente é uma evolução ou modernização da tragicomédia. O drama foi criado por Shakespeare (séc. XVI), mas foi o romantismo,

no século XIX que lhe atribuiu a função de espécie literária. Apresenta uma oscilação entre o prazer e a dor, entre o riso e o choro, aproximando-se mais da vida real.

Feitas estas distinções entre os gêneros literários considerados fundamentais, vale destacar que, segundo Oliveira (2005), um gênero textual é uma categoria de texto e são considerados, além do romance, do conto, do poema lírico, da crônica, também outros, como a notícia, a aula, a bula de remédio, etc.; e pode-se enquadrar aqui também a resenha, que será detalhada a seguir.

2.6 Resenha

Resenha, segundo a ABNT é sinônimo de resumo crítico, que tem como definição “resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento, também chamado de resenha.” (ASSOCIAÇÃO ..., 2003, p.1). Segundo Boente e Braga (2004), a apresentação deste tipo de texto deve ser clara, primando por um respeito ético às ideias do autor primário, mas ao mesmo tempo possui a liberdade de expor ideias e opiniões do autor do texto em si. É por meio dele que se pode tomar conhecimento de uma obra que acaba de ser publicada ou de interesse específico; e a partir dessa informação, pode-se decidir ler ou não a referida obra. Assim, de acordo com Andrade:

A resenha é talvez o gênero textual mais solicitado nas atividades acadêmicas e também nas relacionadas a algumas profissões, como jornalismo, teatro, cinema, música, literatura. Por ser amplamente utilizado, é também denominado – algumas vezes – por outras designações: *recensão*, *resenha crítica*, exigindo que os textos a ele pertencentes contenham as informações básicas sobre o conteúdo e também sobre o contexto situacional, sua organização global, sua relação com outros textos, e que proporcionem ao leitor os comentários do resenhista não apenas sobre o tema, mas também sobre todos esses outros aspectos da obra sob análise. (ANDRADE, 2009, p.7).

Partindo do pressuposto que o termo resenha traz atrelado ao seu conceito também o conceito de crítica, ou seja, resenha é crítica por excelência, torna-se importante, portanto, discutir um pouco a respeito de crítica propriamente dita. Em sentido amplo, a crítica surgiu na Grécia com Platão e Aristóteles e o termo deriva, portanto, do grego e significa julgar. Khaled (1993) analisa a crítica, partindo do uso

do termo e afirma que este “nome” tem sido objeto de um questionamento contínuo. Prossegue, situando o leitor historicamente e assim informando que o termo inicialmente estava ligado à crítica verbal dos escritores clássicos. Entretanto, aos poucos, a crítica identifica-se com todo o problema de compreensão e julgamento. “Nesse sentido, a crítica pretende ser um processo de avaliação e julgamento” (KHALED, 1993, p.13). Partindo dessas premissas, a crítica procura identificar o valor das coisas que observa e assim justificar o porquê de considerá-las valorizáveis ou não. Para Barthes (2007, p.160) a crítica é um discurso sobre um discurso; é uma metalinguagem que se exerce sobre uma linguagem primeira (linguagem-objeto). A tarefa da crítica, segundo o autor, não é absolutamente descobrir verdades, mas somente validades. Moisés considera que:

O ato de criticar envolve fatalmente o de julgar, como atesta a origem do vocábulo “crítica”. Se por julgar se compreender a formulação de juízos de valor, infere-se que a crítica mergulha raízes na ideia de valor, ao menos como derradeira instância: o ofício do crítico tem por meta a fundação de uma escala de valor entre as obras que compõem a literatura de um povo. Admitindo-se o valor como a relação entre o crítico e a obra, desprende-se a relatividade do ato crítico: o valor se acha não no objeto de conhecimento, nem no sujeito que o pratica, mas na relação que ambos estabelecem. Inconstante por natureza, o valor se mostrará pertinente à medida que resistir às provas em contrário. (MOISÉS, 1967, p. 195).

O termo resenha também abrange em seu significado o conceito de resumo. Portanto, faz-se necessária a sua discussão. Para Lancaster (2004), o verdadeiro resumo, ainda que inclua palavras que ocorram no documento original, é um texto criado pelo resumidor e não uma transcrição direta do texto do autor. Salomon (2013, p. 197) apresenta um compilado das principais normas sobre resumos e dentre elas a resolução 214 sobre “Normas para a redação de resumos”, baixada pela ISO (International Standardization Organization) que define resumo da seguinte forma:

Um resumo é uma breve indicação do conteúdo de um artigo ou outra obra, que se publica independentemente dele e inclui a referência bibliográfica apropriada [...]. Costuma ser redigido por outra pessoa que não o autor mesmo quando possa estar baseado na sinopse (do autor) que acompanha o artigo ou obra. (SALOMON, 2013, p. 197).

De acordo com o mesmo autor, existem três tipos de resumo: **resumo crítico**, redigido por especialistas em análise crítica de um documento, também chamado de resenha; o **resumo indicativo**, que apresenta apenas os pontos principais do documento e o **resumo informativo** que apresenta informações mais detalhadas a

ponto de ser possível dispensar a consulta ao texto original, embora acredita-se que o autor se refira ao fato de escolher ler ou não o texto completo a partir do seu resumo. Assim acredita Lancaster (2004), ao afirmar que a finalidade mais importante do resumo é a de facilitar a seleção. Ou seja, para o autor, o resumo ajuda o leitor a decidir se determinado item apresenta a possibilidade de satisfazer seu interesse.

Salomon (2013) ressalta que independentemente da classificação, o resumo sempre consiste na apresentação concisa e seletiva de texto de qualquer tipo de documento e deve apresentar algumas características. Dentre elas as que mais se aproximam no que tange obras literárias são: ter forma clara e apontar o valor em função da sua contribuição. Mesmo não sendo a intenção da literatura a de ser uma informação que gere/construa conhecimento, e sim esta seria a função primordial de textos científicos e educativos, entre outros, esta contribuição, sim, é possível por meio de obras literárias.

Para Eco (2003), a resenha é um modo de gênero crítico, na qual se fala aos leitores de uma obra que eles ainda não conhecem e é vinculada ao imediatismo e, ainda, nos melhores dos casos, pode se limitar a dar aos leitores uma ideia sumária da obra que eles ainda não leram, e depois impor a eles o juízo de gosto do crítico. Ele ainda aborda que a função da resenha é meramente informativa, contudo, o leitor acredita na análise do resenhista. O crítico tenta mostrar porque a obra é bela, mas no caso da resenha, não há espaço suficiente para dizer a fundo como a obra é feita e só lhe resta pronunciar um juízo sobre o que o texto diz, afirma Eco (2003).

As resenhas, de acordo com Witter (1999), podem ser, dependendo de sua natureza, publicadas em veículos de vários tipos, podendo ter, quando publicadas em jornais de grande circulação, por exemplo, caráter comercial, sendo feitas muitas vezes pelas próprias editoras.

Também podem ser feitas por especialistas da área, com o intuito de divulgação da obra, sem preocupação comercial. As resenhas procuram levar ao leitor as características básicas da obra, seu conteúdo específico, nível informacional, organização, público alvo e outros aspectos que o resenhista considere de importância para o leitor tomar decisão quanto à leitura e à aquisição do documento resenhado. (WITTER, 1999, p. 258).

A resenha tem espaço garantido, concorda-se com Ruiz e Faria (2012), em suportes típicos como jornais e revistas, ganhando grande destaque, não somente por descrever, apresentar e avaliar objetos culturais, mas igualmente por articular,

nesse movimento, o diálogo com textos e autores, de modo a permitir questionamentos e reflexões diversas por parte tanto do leitor como do autor resenhado. E é nesse sentido que é possível pensar na possibilidade de inserir este gênero textual também em outras mídias, de forma a divulgar obras de literatura também via *web*, como já tem sido feito em alguns *blogs*. Portanto, deve-se levar em conta em que meio essas resenhas serão disponibilizadas, já que, segundo Almeida Júnior, Almeida e Francisco (2004, p.150), textos veiculados na internet devem ser curtos, rápidos, sucintos e precisam apresentar logo no início uma síntese do conteúdo de todo o documento.

Sendo assim, uma resenha construída e elaborada, levando em conta critérios de qualidade, o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita, bem como apreciação, interpretação e avaliação de determinado texto, mesmo que não em profundidade como faria um teórico e/ou crítico literário experiente, pode levar um potencial leitor a interessar-se por uma obra de literatura. A prática de disseminar a leitura literária através de textos como uma resenha, por exemplo, pode ser adotada pela biblioteca pública, devido sua função de disseminar leitura (e cultura no geral) de forma gratuita e sem barreiras, conforme ver-se-á a seguir.

2.7 Biblioteca pública

As primeiras bibliotecas que surgiram eram particulares, entretanto, de acordo com Arruda (2009), aconteceu a abertura das bibliotecas particulares ao uso público, em meados do século XV, por iniciativa de seus próprios proprietários, inicialmente, em cidades europeias. A biblioteca pública surgiu em virtude da necessidade de aperfeiçoamento profissional. Com a Revolução Industrial houve a necessidade de qualificar a mão-de-obra disponível, a fim de possibilitar o manuseio das máquinas, sendo que para isso, fazia-se necessário o domínio da prática de leitura. Desta forma, durante essa Revolução, ser alfabetizado passou a ser uma exigência, pois através do preparo intelectual, os funcionários conseguiriam não só dominar e conservar as máquinas, mas também atingirem, naturalmente, a ascensão social. Por isso, as bibliotecas tornaram-se um local para (de) frequência e uso.

Quanto à Revolução Liberal, pode-se dizer que esta é vista como sendo uma das variáveis formadoras da biblioteca pública, devido seu lema ter sido responsável pela ideologia de liberdade e igualdade entre todos os indivíduos, servindo, portanto, de suporte para o surgimento dos movimentos de massa, cuja luta passou a ter como objetivo a democratização da educação. (ARRUDA, 2009, p. 6).

De acordo com Silva (2013) a biblioteca pública brasileira adotou o modelo de serviços bibliotecários utilizados na Inglaterra e nos Estados Unidos. Havia um interesse pela cultura estrangeira, muito embora não houvesse um questionamento a respeito da validade de tal cultura aos interesses e necessidades da sociedade brasileira.

A primeira biblioteca pública criada no Brasil foi uma biblioteca pública estadual, na cidade de Salvador, Bahia em 04 de agosto de 1811 e a sua criação se deu por iniciativa dos cidadãos. A seguir, outras foram criadas por iniciativas governamentais. No Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, em 1846, foi fundada a primeira biblioteca pública do estado, que recebeu o nome de Biblioteca Rio-Grandense, a partir de então surgem outras em todo o estado.

A criação de bibliotecas, principalmente por iniciativa popular, demonstra a preocupação com e a importância de sua função social e de apoio à educação. No Brasil, a biblioteca pública tem a função, muito embora falte a prática, de ser agente de mudança, não apoiando apenas a educação formal, mas principalmente o processo de educação continuada.

Milanesi (1997, p. 24) afirma que:

A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a Cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições, destacando-se em Alexandria nos tempos de Cristo e proliferando nos interiores dos mosteiros medievais como repositório do saber humano. (MILANESI, 1997, p. 24).

A biblioteca pública é um dos meios de contato do ser humano com a leitura e a informação, mas esta atribuição, muitas das vezes, é delegada à biblioteca escolar. A sociedade parece não ter conhecimento de sua existência, da abrangência de sua atuação, da diversidade de materiais que oferece, da gratuidade de seus serviços e produtos.

A biblioteca pública é um serviço público e todos os segmentos da sociedade devem ser favorecidos por ele: crianças, jovens, idosos, trabalhadores e donas de casa devem encontrar na biblioteca serviços e

materiais que satisfaçam os seus interesses de informação, seja para estudar, ler, se informar, ou apenas para o lazer. Com isso, as bibliotecas cumprem seu enorme compromisso social. A biblioteca pública é de extrema importância para uma sociedade; é um agente do qual provém a informação, sendo, assim, um meio de democratização da leitura e do conhecimento para um país. (CONTEXTOS..., 2015, p.30).

Toda biblioteca pública brasileira deve estar registrada no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), instituído na Fundação Biblioteca Nacional pelo Decreto nº 520 de 13 de maio de 1992. Com o intuito de apoiar o desenvolvimento das políticas culturais nacionais voltadas para bibliotecas públicas municipais e estaduais, realiza-se sistematicamente a atualização dos dados, e, de acordo com o SNBP (2016, *online*), são 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal, sendo: 503 na Região Norte; 1.847 na Região Nordeste; 501 na Região Centro-Oeste; 1.958 na Região Sudeste e 1.293 na Região Sul.

A biblioteca pública é o ponto de acesso, principal e dinâmico, da comunidade, estruturado para responder de modo proativo a uma multiplicidade de necessidades de informação que estão sempre em mudança. (FEDERAÇÃO..., 2012, p. ix). Ela é

[...] o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação. (FEDERAÇÃO..., 2012, p.137).

Dentro deste contexto, segundo a Fundação Biblioteca Nacional (2000), cabe à biblioteca pública atuar como instituição democrática por excelência, e contribuir para que as diferenças sociais e econômicas entre os que possuem informação e aqueles que estão destituídos do acesso a ela não se acentuem ainda mais, e que a oportunidade seja oferecida a todos. Assim, a biblioteca pública deve assumir o papel de centro de informação e leitura da comunidade com esse objetivo. “A biblioteca pública é o espaço privilegiado do desenvolvimento das práticas leitoras, e através do encontro do leitor com o livro forma-se o leitor crítico e contribui-se para o florescimento da cidadania.” (FUNDAÇÃO..., 2000, p.17).

Segundo o Instituto Nacional do Livro (INSTITUTO..., 1980), os materiais que devem compor a coleção da biblioteca pública são: obras de referência, biografias,

revistas, jornais, livros infantis, livros de ficção e de não-ficção. E ainda de acordo com o INL, a categoria livros de ficção constitui-se de romances, contos, peças de teatro e poesia. Para o INL, a biblioteca pública deve incluir todas as produções criadas pela imaginação humana, sendo que a coleção de ficção também deve conter obras mais representativas de autores clássicos e da antiguidade, como os da Grécia e de Roma, por exemplo, em boas traduções. Também é importante que especialistas da área possam orientar sobre tais obras.

As missões da biblioteca pública, segundo a IFLA (FEDERAÇÃO..., 2012) estão relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura. As que dizem respeito à leitura e à literatura são as seguintes: criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância; assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa; estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens; possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural; facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática; apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Propiciar acesso a coleções importantes da literatura e do saber mundial constitui uma contribuição diferenciada da biblioteca pública e continua sendo uma de suas funções mais valiosas. A biblioteca pública é um ponto de encontro de pessoas. Os que dela se utilizam estão em busca de conhecimento, informações, aprimoramento, lazer, cultura, entre outros. Bibliotecários são os responsáveis pela busca de prover a rápida e eficiente satisfação desses utilizadores, promovendo seu encontro com obras que atendam e superem suas expectativas. “Deve oferecer todos os gêneros de obras que sejam do interesse da comunidade a que pertence, bem como literatura em geral, além de informações básicas sobre a organização do governo, serviços públicos em geral e publicações oficiais.” (FUNDAÇÃO..., 2000, p.17).

De acordo com a IFLA, a finalidade da biblioteca pública é proporcionar recursos e serviços, numa diversidade de mídias, a fim de atender às necessidades em matéria de educação, informação, desenvolvimento pessoal, recreação e lazer. “Proporcionar acesso a coleções importantes da literatura e do saber mundial [...] o acesso a obras da imaginação e do saber é uma contribuição importante à educação pessoal e uma atividade relevante para o lazer.” (FEDERAÇÃO..., 2012, p. 7).

A medida que fizer um trabalho de mediação adequado, a biblioteca pública pode ser a responsável pela formação de leitores de uma comunidade, servindo de estímulo ao desenvolvimento pessoal dos indivíduos, já que oferece obras para leitura de forma gratuita.

A biblioteca pública dispõe de uma variedade de obras de ficção e pode usar técnicas promocionais para levar tal diversidade ao conhecimento de seus clientes. Pode também organizar programas interativos que possibilitem aos clientes trocar opiniões sobre livros que tenham lido. (FEDERAÇÃO..., 2012, p. 55).

De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2000) podem-se destacar, também, algumas funções da biblioteca pública face às mudanças decorrentes da absorção de tecnologias na área da informação e que se refletem no cotidiano:

- a) agente essencial na promoção e salvaguarda da democracia, através do livre acesso a todo tipo de informação proporcionando, desta forma, matéria de reflexão para a geração do verdadeiro conhecimento;
- b) instituição de apoio à educação e formação do cidadão em todos os níveis, através da promoção e incentivo à leitura e à formação do leitor crítico e seletivo capaz de usar a informação como instrumento de crescimento pessoal e transformação social;
- c) centro local de tecnologias da informação, através do acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, familiarizando os cidadãos com o seu uso;
- d) instituição cultural, através da promoção do acesso à cultura e do fortalecimento da identidade cultural da comunidade local e nacional. (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 18,19).

A biblioteca pública muitas vezes não assume seu lugar no papel de “[...] mediadora de ideias, de textos, de cultura transformadora.” (BARROS, 2006). Para exercer sua função de apoio à educação formal e continuada é necessário que a biblioteca trabalhe em parceria com outras entidades da comunidade, buscando desta forma juntar esforços para erradicar o analfabetismo e promover a inserção social dos indivíduos através da leitura.

A educação e a promoção da leitura não podem ser confiadas totalmente à escola e à família, especialmente quando dirigidas às faixas sociais menos favorecidas da população. Apesar do forte papel assumido pelos modernos meios de comunicação de massa, na sociedade brasileira contemporânea, a leitura é condição essencial para que o indivíduo tenha acesso à informação. A leitura – considerada não apenas como a decodificação de signos gráficos, mas a capacidade de percepção crítica e interpretativa da informação – é instrumento essencial para transformar a informação em conhecimento. (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 23).

Segundo Almeida (1987) não se considera adequado para a biblioteca pública o bibliotecário que tem apenas competência técnica para trabalhar com seu objeto, a

informação. Selecionar e organizar são fazeres fundamentais, são atividades que diferenciam o bibliotecário de outros profissionais. Só ele tem as qualificações para atuar de modo a descobrir o que uma comunidade de usuários tem interesse e necessita; só ele conhece as técnicas para dispor uma grande quantidade de materiais de forma a serem encontrados. Entretanto, uma de suas funções, a de disseminar o que é selecionado e organizado, fazer chegar a sociedade o que a biblioteca possui, é o mais importante e, muitas vezes, é negligenciada. “A informação, em si, não provoca nada de novo. É preciso colocá-la em circulação de tal forma que ela passe a adquirir significados para as pessoas, que ela interfira na vida das pessoas.” (ALMEIDA, 1987, p.36).

O bibliotecário é um intermediário ativo entre o público e os recursos disponíveis. A formação profissional contínua do bibliotecário é indispensável para assegurar serviços adequados, de acordo com a IFLA (FEDERAÇÃO..., 2012). Portanto, ao pensar em biblioteca pública, pode-se atribuir não só a ela, mas também aos profissionais, uma expressiva responsabilidade social, visto o seu poder de intervenção na vida das pessoas através do acesso à informação e à leitura.

3 METODOLOGIA

A metodologia, de acordo com Silva e Menezes (2005), tem como função ajudar a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo; a pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível e adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso que, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Sendo assim, especifica-se, a seguir, a metodologia que foi utilizada neste trabalho.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa utilizada, segundo sua natureza, é básica. Tendo em vista a vasta variedade de campos de atuação do bibliotecário e a multiplicidade de instrumentos e ferramentas que podem ser utilizadas em suas atividades, o uso de *blogs* é uma opção que a biblioteca pública pode utilizar para divulgar seus produtos e serviços. Nesse sentido, este trabalho objetiva gerar novos conhecimentos, no entanto, sem aplicação prática prevista.

Segundo a abordagem do problema levantado, a pesquisa teve um viés qualitativo, visto que as informações coletadas foram descritivas e serviram para a compreensão do problema. A pesquisa qualitativa é caracterizada pela interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, como mencionam Silva e Menezes (2001).

Em relação aos objetivos, o estudo teve um caráter de pesquisa exploratória, que, segundo Handem; Matioli; Pereira (2004), geralmente proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e tem como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Esta é uma pesquisa flexível que envolve levantamento bibliográfico, análise de exemplos que estimulem a compreensão, entre outros. Neste caso, foram coletadas informações em *blogs*, a fim de propiciar conhecimento sobre esta mídia, mediante análise e descrição dos exemplos selecionados.

Os métodos para sua realização envolveram pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Sendo assim, buscando esclarecer o conceito de mediação de leitura, fez-se pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica consiste em analisar documentos que já possuam tratamento analítico (material já elaborado), como livros e artigos de periódicos (SILVA; MENEZES, 2001).

Já a pesquisa documental, conforme apontam Martins e Theóphilo (2009), é característica de estudos que utilizam documentos como fontes de dados, informações e evidências. Os documentos são os mais variados tipos, escritos ou não, tais como: diários, filmes, mapas, documentos arquivados em entidades, gravações, entre outros. Neste caso, *web* e *blogs* foram consultados. É a pesquisa que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito de dados que se deseja obter (BOENTE; BRAGA, 2004). No caso desta pesquisa, foram levantadas informações (APÊNDICE D) em relação ao conteúdo dos *blogs*, a fim de prosseguir com análise das informações de forma mais aprofundada por meio da análise de conteúdo. Sendo assim, realizou-se a comparação entre as informações coletadas, dos *blogs* literários e dos *blogs* de bibliotecas, por meio de análise de conteúdo, e, com o intuito de identificar as características de um *blog* que o torne mais atrativo para divulgar obras literárias em relação a outras mídias.

3.2 Amostra

Primeiramente, foram selecionadas de uma a duas bibliotecas públicas por estado brasileiro, priorizando as capitais, a partir de documentação fornecida pelo Sistema de Bibliotecas Públicas⁷. Para a pesquisa, escolheu-se bibliotecas públicas estaduais, levando em conta o número de habitantes. Logo em seguida, verificou-se quais destas bibliotecas possuíam *blogs* (APÊNDICE A), a fim de fazer levantamento posterior, conforme requisitos pré-definidos em formulário (APÊNDICE C). Tendo em vista a amostra coletada ter sido pequena, resultando em apenas seis *blogs*, realizou-se então a busca de *blogs* das bibliotecas públicas municipais da

⁷ Através do site <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>>, é possível, navegando por estado brasileiro a relação de bibliotecas públicas estaduais e municipais existentes.

cidade de Porto Alegre, no qual foram localizados mais três, totalizando na localização de nove *blogs* de bibliotecas públicas.

Por meio de seleção de casos críticos, que segundo Freitas *et al.* (2000), consiste quando os participantes são escolhidos por representarem casos chave para o foco da pesquisa, foram selecionados 50 *blogs* literários, conforme requisitos pré-definidos em formulário (APÊNDICE B). Destes 50 *blogs*, no entanto, foram analisadas as informações correspondentes ao conteúdo, especialmente aos relacionados a literatura, de 20 dos 50 *blogs* selecionados inicialmente. O motivo desta escolha foi a ausência de autores e livros conhecidos, conforme os indicados nas seguintes obras: “Livros: tudo o que você não pode deixar de ler”⁸ e “Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas”⁹, listagem de obras indicadas em: “Literatura aplicada a biblioteconomia”¹⁰, além das obras indicadas na disciplina do Curso de Biblioteconomia, intitulada: Literatura e Biblioteconomia.

3.3 Instrumento de coleta, tratamento e técnica de análise dos dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram observação e formulário. A observação tem como característica a utilização dos sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade. Neste caso foi uma observação estruturada, ou seja, realizada em condições controladas, a fim de responder a propósitos pré-estabelecidos. O formulário foi utilizado na observação, destinado à coleta de dados e seu preenchimento realizado à medida que o investigador efetuou as observações.

Os dados coletados via formulário foram organizados em tabela, utilizando-se da ferramenta *Microsoft Word*. As informações coletadas foram transcritas e

⁸ ZSCHIRNT, Christiane. **Livros: tudo o que você não pode deixar de ler**. São Paulo: Globo, 2006.

⁹ MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁰ SILVA, Magali Lippert da. Literatura aplicada à biblioteconomia. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Org.). **Biblioteca: conhecimentos e práticas**. Porto Alegre: Penso, 2014. P. 97-111.

organizadas com vistas à análise posterior. Primeiramente, fez-se uma busca no *site* do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas para eleição de bibliotecas (ver item 3.2), a fim de verificar se possuíam *blog* (APÊNDICE A). Outra etapa da pesquisa documental deu-se por meio da análise de *blogs* seguidos de antemão, a fim de selecionar 50 (APÊNDICE B), para assim realizar levantamento de informações pré-definidas (APÊNDICE C).

A técnica de análise dos dados efetivou-se por meio de análise de conteúdo; trata-se de “uma técnica para se estudar e analisar a comunicação de maneira objetiva e sistemática” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009); e que, segundo Bardin (2011), caracteriza-se por: pré-análise: organização do que vai ser analisado; a exploração do material: codifica-se o material, classificando os dados e agregando-os em categorias; e, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na continuidade são apresentados os resultados dos dados obtidos através da investigação e sua análise. Para melhor organização e entendimento, os resultados foram divididos em três categorias denominadas: *blogs* literários, *blogs* de bibliotecas e a literatura nos *blogs*. As transcrições *ipsis litteris* estão entre aspas, ou seja, tal como escritas no momento da coleta, não sendo feita nenhuma correção quanto à grafia das palavras e/ou concordância das frases.

4.1 *Blogs* literários

Em uma pesquisa feita pela empresa de tecnologia TECHNORATI¹¹ foi constatado que existem no mundo aproximadamente 200 milhões de *blogs*, sendo que cerca de 10 milhões deles são ativos, ou seja, são atualizados pelo menos uma vez a cada 180 dias. Hoje o Brasil é o 4º país com maior número de *blogs*, perdendo apenas para Estados Unidos, Reino Unido e Japão, ficando à frente do Canadá e Alemanha, respectivamente, segundo estudo da empresa de análises de Tráfego *Online Sysomos*.

Segundo Hewitt (2007), não há barreiras à entrada em um mundo que oferece uma plateia quase ilimitada como a blogosfera. Para o autor, qualquer um pode escrever uma postagem, e, se merecer ser lido, será lido, já que existe um enorme número de pessoas buscando sabedoria e entretenimento. A blogosfera oferece a oportunidade de vender produto textual. A credibilidade dos *blogs* depende de sua atualidade e precisão, mas invariavelmente a qualificação dos blogueiros também tem importância. (HEWITT, 2007, p. 140). Por isso, buscou-se selecionar *blogs* que possuíssem no rol de responsáveis, alguém qualificado na área de Letras, ou Biblioteconomia ou Jornalismo, devido ao tema abordado nesta pesquisa envolver mediação de leitura, biblioteca, literatura e resenha.

¹¹TOP 10 + *BLOGS*: Os *blogs* de moda e beleza brasileiros mais acessados em 2015 no mundo. In: EXAME.com. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/dino/noticias/top-10-blogs-os-blogs-de-moda-e-beleza-brasileiros-mais-acessados-em-2015-no-mundo.html>>. Acesso em: 27 ago 2016.

De acordo com Araújo e Araújo (2015), *blogs* literários são *blogs* que abordam de várias maneiras a temática da leitura, dos livros e da literatura em geral.

Quando se poderá dizer que um *blog* é literário? É possível afirmar, utilizando um conceito lato, que um *blog* para ser classificado como literário deve falar de literatura e conter literatura! Falar de livros, de leitura e de escrita; conter contos, poemas, ensaios. E isto quer sejam ou não originais. (QUERIDO; ENE, 2003, p. 84¹³).

Foram analisados 50 *blogs* literários e 100% dos *blogs* pesquisados têm parceria¹² com editoras e autores. A maior parte das postagens é sobre lançamentos das editoras e/ou informações sobre autores parceiros. Estes autores são na grande maioria novos escritores. Quase todos realizam sorteios, os que não os fazem não recebem comentários. Para Amaral, Recuero e Montardo (2009), uma das opções adotadas de utilização dos *blogs* é como método de pesquisa mercadológica junto ao público e a criação de *blogs* para promover determinados produtos e serviços.

A maioria dos *blogs* selecionados usa o *Blogger*, contudo, alguns utilizam o *Wordpress*. O uso do *Blogger* permite a opção de seguir o *blog*, e a partir do acesso à conta do Google, visualizar todas as postagens dos *blogs* seguidos. O *Blogger* foi lançado em 1999 e de acordo com Amaral, Recuero e Montardo (2009), esse tipo de sistema proporciona uma maior facilidade na publicação e manutenção, que não mais exige o conhecimento da linguagem HTML, por exemplo, e, por isso, passou a ser adotado. A posterior agregação da ferramenta de comentários também foi fundamental para a sua popularização. Em 2004 o *Blogger* foi comprado pelo Google o que indica, segundo os autores, a consagração dos *blogs* na época.

Todos os *blogs* analisados também possuem página no Facebook e perfis em outras redes sociais, como Skoob, Twitter, Google+ e Instagram.

Todos publicam resenhas literárias dos livros lidos. Segundo Araújo e Araújo (2015), resenhas literárias

[...] consistem em uma redação na qual o autor descreve a obra lida de maneira sintetizada, agregando argumentos referentes à sua opinião crítica. Considera-se a resenha um elemento importante na categorização de *blogs* literários, pois elas são a representação das experiências de leitura do autor da postagem transmitidas aos leitores da página. (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015, p. 244).

¹² Ver: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/49555>. Acesso em: 26 ago 2016.

¹³ <https://books.google.com.br/books?isbn=9728426755>. Acesso em 26 ago 2016.

Percebe-se que, além do caráter informal e pessoal dos textos e uma escrita menos criteriosa, sem, muitas vezes preocupação com uso da norma padrão da língua, não há preocupação com creditação. Muitas partes dos textos são retiradas de outras fontes na *web* e não se dá a elas a devida referência.

Os leitores totais do *blog* não são participantes ativos; são poucos que comentam nas postagens, não chegando nem a metade dos seguidores dos *blogs* analisados. A escrita é sucinta; os leitores optam por deixar registrado se conhecem ou não o autor e/ou o livro, a crítica ao texto é sempre positiva e, por fim, demonstram o desejo de ler ou não a obra. Como demonstram alguns exemplos a seguir:

“Resenha mais que perfeita! Estava precisando mesmo de alguns títulos clássicos para colocar na minha lista de compras [...]”;

“Amo a história de O Conde de Monte Cristo, é incrível, há pouco era muito difícil conseguir encontrar os livros, e recomendo a edição definitiva da Editora Zahar, é muito linda, mesmo! Vem em uma caixa, tem várias notas.”;

“Tenho que te confessar que nunca li O Conde e Monte Cristo, mas tenho vontade. Adorei a resenha.”;

“Oi adorei.. muito obrigado, me fez se interessar pelo livro....”;

“Jane Austen sempre é uma boa pedida, amo a obra dela. Parabéns pela resenha sempre é bom a gente resenhar esse clássicos para o povo que não conhece conhecer.”;

“Ah, eu li e achei incrível, apesar de levemente cansativo. mas digníssimo de Tolkien, né?! Sua resenha da bastante simplificada e opinativa, muito boa pra instigar o pessoal a ler.”;

“Acho que da próxima vez eu vou me arriscar com Dorian Gray. Ótima resenha.”;

“Que vergonha, nunca li nada do autor e a sinopse chama atenção. Mas sua resenha que foi muito mais a fundo que dá a vontade de conhecer a história porque parece simplesmente fascinante.”;

“Que ótima dica! Fiquei super afim de ler!”;

” Não conhecia o livro, mas parece ser interessante, apesar de não ser meu estilo preferido. Sua resenha está muito boa!”.

De acordo com Amaral, Recuero e Montardo (2009), os *blogs* valorizam os comentários recebidos e essa presença pode ser fundamental para que se continue

a postar. Os comentários são importantes como elementos de incentivo para os blogueiros e fundamentais como ferramenta de interação social.

O ato elementar de comunicação, de acordo com Kientz (1973), implica a existência de um emissor, que elabora uma mensagem a partir de sinais tomados de um repertório; de um canal, pelo qual a mensagem é transferida através do espaço e do tempo; e de um receptor, o qual recebe a mensagem e a decodifica com a ajuda dos sinais que ele tem armazenados em seu repertório.

Neste sentido, conforme expõe Kientz (1973), o *blog* pode ser considerado um canal de comunicação que veicula informação estética e informação semântica. Informação estética engloba o leiaute, a arquitetura da informação, apresentação do *blog* e dos blogueiros, como as categorias e os assuntos estão organizados, a composição de cores, a facilidade de acesso e a recuperação da informação (usabilidade), entre outros. Informação semântica é o conteúdo propriamente dito. Para que a comunicação se efetive é necessária a existência de um emissor, que é aquele que elabora uma mensagem a partir de um repertório e de um receptor, o qual recebe a mensagem, a decodifica, a compreende e dela se apropria, com a ajuda de repertório próprio. Concorda-se com Kientz (1973), quando afirma que é necessário que a cadeia emissor-canal-receptor-repertório funcione para que haja comunicação e isso pressupõe que emissor e receptor falem a mesma linguagem.

Os *blogs* analisados apresentam características que os tornam um canal de comunicação viável. Os *blogs* são mídias sociais com sua estrutura semelhante a um *site*; por isso, acredita-se ser uma vantagem no momento de divulgação de um texto, visto seu leiaute ser mais amigável para apresentar textos mais longos do que os geralmente divulgados nas redes sociais; por isso, também poderão ser mais facilmente lidos por ocuparem a totalidade da tela.

As plataformas disponíveis, em especial a *Blogger*, possuem características que apontam para a usabilidade dos *blogs*. Cabe, porém, ao responsável distribuir as informações de forma coerente. Os *blogs* analisados apresentam as categorias de assuntos de forma bem visível, logo no topo da página e/ou na lateral; a fonte tem um tamanho uniforme, parecendo ser padronizada. Para Agner (2012), a linguagem é um dos aspectos críticos, já que a maioria dos usuários “escaneia” as palavras sem ler os textos. Para o autor, a redação de toda a página inicial deve ser formulada para proporcionar facilidade, lógica, clareza e compreensão de seus destinos de navegação.

Mediante a análise, foi possível observar a facilidade de percepção de localização, visto a possibilidade de ir para a próxima página (atuais) ou para páginas anteriores (mais antigas) e/ou voltar para a página principal. A data também é um indicador importante, já que assim, o leitor identifica a atualização ou não da informação.

Segundo Nielsen e Loranger (2007), os usuários estão muito ocupados e existem tantas informações na *Web* que não vale a pena se aprofundar em uma página, exceto quando as informações inicialmente visualizadas transmitem claramente o valor que ela tem para eles. Para os autores, a maioria das páginas tem, infelizmente, pouco valor para os usuários e, por isso, eles optam por evitar rolar por ela na maioria das vezes. Portanto, ao projetar um *site*, deve levar-se em consideração e certificar-se de apresentar informações suficientes acima da dobra, para fazer com que os leitores queiram ver o que está abaixo dela.

Com relação ao esquema de cores, tamanho e estilo de fonte, os *blogs* apresentam uniformidade. A maioria não utiliza os modelos (*templates*) oferecidos gratuitamente pelas plataformas, optando por contratar serviços de *design* para compor o leiaute conforme preferências pessoais. Escolher usar serviços de profissionais deixa a interface mais atraente e amigável. Nota-se que desta forma, os *blogs* seguem os elementos essenciais, citados por Nielsen e Loranger (2007) no que tange a tipografia, que envolve leitura e legibilidade adequadas. Sendo assim, há um limite de estilos de fonte e cores que são aplicados consistentemente. Para os autores, fontes, e atributos de fontes e cores variadas, ajudam a diferenciar e nivelar a importância das informações. Porém, esta variação necessita de limite, para destacar o que precisa ser enfatizado, sem ocultar as demais informações, equilibrando assim as proporções, o que assegurará máxima legibilidade. A consistência é uma regra importante, de acordo com Agner (2012), e tem a ver com a repetição de certos padrões como leiaute de cores, tipologia, menus, que devem ser os mesmos em todas as páginas da interface.

Portanto, segundo Nielsen e Loranger (2007), algumas convenções mais comuns e eficazes para garantir a legibilidade de um texto, levando-se em consideração as postagens nos *blogs* são: palavras-chave destacadas; títulos concisos e descritivos; listas e passos numerados e marcados e parágrafos curtos. Os *blogs* utilizam marcadores que organizam o conteúdo das postagens por assunto, o que facilita no momento de recuperação e visualização de publicações

sobre determinado livro, assunto, autor, editora, entre outros. A forma de organização das categorias é semelhante, visto tratarem da mesma temática. A maioria apresenta as seguintes categorias: início, sobre (*blog*, responsáveis), contato, resenhas, assim como *links* de contato com *blogs*, editoras e autores parceiros. Outro aspecto importante são os *links*, que agregam valor à temática e em todos os casos estão ativos.

As postagens não contêm apenas textos, podendo haver diferentes formatos de arquivos que coexistem e quando apresentados juntos, imagem, *gif*, texto, entre outros, são identificados facilmente como algo único e de acordo com a proposta da postagem.

Para Nielsen e Loranger (2007), 80% dos *Websites* utilizam a mesma abordagem de *design*. Portanto, os usuários esperam que os elementos padrão funcionem de certa maneira quando visitam um *site* novo, por exemplo, porque é assim que quase sempre as coisas funcionam.

[...] com um *design* mais útil, os usuários encontram e gerenciam as informações facilmente; nome, *layout* e relacionamento entre páginas individuais são apresentadas claramente. Bom *design* navegacional mostra aos usuários onde eles estão, onde as coisas estão localizadas e como conseguir o que precisam de uma maneira metódica. Uma arquitetura de informação apropriada faz com que os usuários sintam-se à vontade para explorar e confiantes de que eles podem retornar facilmente às páginas visualizadas anteriormente. (NIELSEN; LORANGER, 2007, p. 172).

As plataformas possibilitam aos *blogs* um sistema de busca diretamente na fonte. Este recurso é utilizado e identifica uma vantagem em relação a redes sociais. Dificilmente encontrar-se-á uma publicação depois de certo tempo, visto que nas redes sociais é tudo muito rápido e dinâmico e não há possibilidade de efetuar uma busca tal como é possível nos *blogs*.

Nielsen e Loranger (2007) acreditam que há a necessidade de um *site* possuir um sistema de busca, e isso ocorre no caso dos *blogs* pesquisados, e, seguindo os autores, a interface da busca é uma caixa de texto em que os usuários podem inserir suas consultas, combinada com um único botão; normalmente encontra-se no canto superior esquerdo. Contudo, na maioria dos casos, quase a totalidade dos *blogs* apresentam, no canto superior direito da página, “ [...] uma vez que é aí que os usuários a procuram. Essa caixa deve mesmo estar na *homepage*, mas idealmente, ela estará em cada página do *site*.” (NIELSEN; LORANGER, 2007, p. 142).

Para Santos e Rocha (2012), os *blogs* têm sido utilizados por alguns profissionais e instituições para disseminar informações e permitir maior interação entre as unidades de informação e seus usuários. Na atualidade, os *blogs* não se restringem aos registros de informações meramente pessoais. Hoje em dia, os *blogs* podem servir de fonte de informação. Dada essa evolução das tipologias, as autoras Alcará e Curty (2009, p. 82) evidenciam que os *blogs* evoluíram para a condição de fonte de informação.

Para Araújo e Araújo (2015), o *blog*,

[...] que em geral é uma ferramenta disponível para ser moldada a partir do gosto do blogueiro e quando este decide transformar sua página em um *blog* literário, adquire a liberdade para tratar sobre qualquer assunto voltado para esse universo, seja com resenhas, com indicações de leitura, notícias sobre lançamentos e eventos, encontros para debates, promoções, sorteios, enfim da forma que lhe for conveniente. Nesse caso a interação fica por parte dos leitores visitantes dos *blogs* que a partir dos comentários atribuem suas opiniões a uma postagem específica ou ao *blog* em geral, reforçando relações. (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015, p. 247).

Quando se analisa a estrutura, o conteúdo, o perfil dos responsáveis e leitores dos *blogs*, percebe-se que isso ocorre. Nota-se que este tipo de mídia tem um potencial para atingir um grande número de pessoas através de suas mensagens.

O leiaute afeta a navegação e influi na compreensão da informação, no entanto, o mais importante para quem usa é o conteúdo. Sendo assim, seguindo Tomaél, Alcará e Silva (2008), foram identificados alguns critérios de qualidade levando em conta o conteúdo das fontes de informação:

- a) precisão: informação confiável e verossímil;
- b) facilidade de compreensão: clareza, entendimento e qualidade do texto da informação;
- c) objetividade: visão imparcial;
- d) consistência e relevância: cobertura total de toda a informação a que se propõe; coerência na abordagem do conteúdo; agregação de valor - informação filtrada e embasada; exatidão; utilidade da fonte de acordo com os objetivos propostos;
- e) atualização: indicações da data da última atualização; apontar para outras fontes que estejam atualizadas e ainda disponíveis;

f) integridade: inclusão de todos os méritos necessários que possibilite a completeza da informação e atenda às necessidades dos usuários, sem exceder tais necessidades;

g) alcance: amplitude da informação, ir até aonde se propôs a ir.

As plataformas conhecidas disponíveis, *Blogger* e *Wordpress*, contemplam todos estes critérios de qualidade, possibilitando aos *blogs* atribuições e funcionalidades que propiciam utilizá-los facilmente. Atingir tais critérios de qualidade depende unicamente dos responsáveis. Por isso, é fundamental antes de sua criação, planejar o seu uso, a fim de que se atinja os objetivos propostos com o oferecimento de informações de qualidade. O *blog* deve propiciar ou oferecer o que se propõe, por isso planejamento é fundamental. Para isso, entretanto, deve considerar-se o usuário da informação e os objetivos da entidade. Neste sentido, as autoras apresentam critérios de qualidade que os contemplam. Em se tratando dos responsáveis pelas informações, é imprescindível a apresentação de informações completas sobre o autor ou organizador da fonte. Assim como da instituição que representa, quando for o caso. No entanto, cabe destacar a relevância de referenciar toda e qualquer informação que não seja de autoria do responsável pela postagem. É muito comum o uso de imagens ou textos sem a devida creditação. Contudo, acredita-se este ser um critério que não deve ser ignorado e sim, seguido à risca.

Finalizando, ainda seguindo Tomaél, Alcará e Silva (2008), destacam-se então critérios considerados mais importantes, que são os relacionados aos usuários da informação. Para tanto, a informação deve ser atualizada e oportuna e disponível sempre que necessário. A fonte tem de ser estável, possibilitando a recuperação tantas vezes quantas necessárias. Coerência entre linguagem-usuários-*blog*-objetivos-conteúdo, deve existir. Os *blogs* analisados, seguem uma temática própria e, levando isso em conta, há a observância destes critérios em se tratando dos leitores. Muito embora estes critérios sejam propostos para avaliação de fontes já existentes, acredita-se no uso de tais critérios a fim de se pensar na construção de um *blog* de uma biblioteca pública. Ou seja, o conteúdo, o leiaute e o contexto serão estudados e planejados antes da criação do *blog*, e assim, depois do instrumento consolidado, a avaliação será feita continuamente, com o uso de outros critérios além dos elencados ao longo deste trabalho, se necessário, e com o intuito de seu aperfeiçoamento.

4.2 Blogs de bibliotecas públicas

Segundo Oliveira e Santos (2011), na biblioteca, que é um local de troca de informações, os *blogs* vêm atualmente compondo uma ferramenta complementar, a qual irá auxiliar o profissional a aplicar seus propósitos, tais como os de proporcionar *feedback*, disponibilizando subsídios informacionais e interação entre seus usuários a qualquer distância e em qualquer lugar; proporcionando aos seus usuários um espaço virtualmente destinado à disseminação de ideias e informações, podendo ser atualizadas diariamente. Promove assim, novas informações na rede, tornando-se um vínculo de propagação de ideias na internet. O *blog* é um serviço de leitura e de escrita na *web*, que pode ser incorporado na biblioteca.

No entanto, após seleção, chegou-se a um total de nove *blogs* de bibliotecas públicas existentes, sendo que apenas dois são utilizados/atualizados regularmente. Oito deles utilizam o *Blogger*, enquanto um usa o *Wordpress*. Os dois que são atualizados, divulgam textos relacionados a literatura. O primeiro, faz postagens diariamente com indicação de livros, contendo a capa e um breve resumo sobre a obra. O segundo, além de divulgação de programações culturais, divulga as obras contidas no acervo, informando autor e gênero, contudo, não informa sobre seus conteúdos.

Todas as nove bibliotecas têm Facebook e apenas uma não mantinha a página atualizada até o momento do levantamento das informações. De acordo com relato de alguns responsáveis pelas redes sociais utilizadas pelas bibliotecas, o Facebook passou a ser o principal canal de comunicação entre biblioteca e seus leitores, muito embora acreditem que o *blog* seja uma boa ferramenta de mediação de leitura. São muitos os *blogs* que passam a ser ignorados, segundo Hewitt (2007), por isso algumas pessoas ficam cansadas e desistem do esforço; outras continuam, apesar dos poucos acessos.

Conforme acredita Maness (2007, p. 47), redes sociais, em vários sentidos, é Biblioteca 2.0. A face da presença da biblioteca na *web* no futuro pode se parecer muito mais com uma interface de rede social. Acredita-se, conforme aponta Alvim (2007), que o profissional da informação terá que aprender a utilizar esta ferramenta, técnicas e conceitos de comunicação, para conceber espaços de intervenção do usuário com o *blog*; seja para a sua utilização interna na biblioteca ou para um

serviço externo. Propiciar canais de comunicação com os seus utilizadores, como tem sido feito por meio do Facebook, será a chave do êxito na utilização da ferramenta. Para a autora, a participação dos usuários da biblioteca no *blog* da instituição é uma mais-valia, potencializa a criação de redes sociais voltadas à oferta do *blog*. As redes sociais podem ser aliadas na divulgação e disseminação dos *blogs*. Por meio da rede social o leitor terá uma prévia do conteúdo postado no *blog*, e assim decidirá ler ou não a publicação completa.

Contudo, conforme ressalta Alvim (2007), é necessário que a equipe do *blog* da biblioteca conheça o seu público de usuários, quais as suas características, que tipo de leitor tem; assim, pode conquistar usuário real e potencial, para adaptar o conteúdo dos *posts* e serviços que disponibiliza no *blog*. Os elementos para o sucesso do *blog* de qualquer instituição, e igualmente para os individuais, são a inspiração na seleção certa, no momento certo, das temáticas a abordar; a motivação de colocar novas ideias em prática no *blog* que vão ao encontro do usuário/leitor; e a dedicação para manter o *blog* atualizado, com entradas interessantes, sem diminuir a intensidade produtiva.

Para Rasteli e Cavalcante (2013), os bibliotecários podem transformar os equipamentos em que atuam em ambientes e espaços voltados para a aprendizagem e construção de conhecimentos, cujo processo reconhece a leitura como via de acesso à informação, que fundamenta a construção desses conhecimentos. Desse modo, as ações de mediação de leitura são vistas como processos de inclusão cultural e de emancipação de grupos e indivíduos. Para os autores, questões referentes à formação do bibliotecário como mediador de leitura traz à tona quais seriam as competências necessárias para formar cidadãos leitores, o que implica troca e partilha entre os sujeitos: bibliotecários, autores, leitores e comunidade.

Sendo a biblioteca uma agência mediadora, o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar a leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos ou eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca. (BORTOLIN, 2010, p.116).

No contexto atual, a leitura deve ser tratada no diálogo com as diversas tecnologias, incluindo o livro e a internet. O mediador de leitura, portanto, deve se familiarizar com as diferentes possibilidades de interlocução entre os suportes, a

informação neles veiculadas e a ação do leitor em termos de apropriação e recriação. “Desta forma, além do acesso, é importante a dinamização do acesso, de modo a propiciar o diálogo entre suportes, linguagem e sujeito-leitor.” (RASTELI; CAVALCANTE, 2013, p. 171).

Sendo assim, cabe ao bibliotecário criar iniciativas, com uso de ferramentas e instrumentos diversos, incentivar a leitura a partir da disseminação das obras contidas no próprio acervo da biblioteca. Para Rasteli e Cavalcante (2013), o bibliotecário precisa conhecer e utilizar as ferramentas da *Web 2.0*, como o exemplo das redes sociais como o Facebook, Twitter e o *Blog*, que possuem forte potencial para a disseminação da informação.

4.3 A literatura nos *blogs*

Conforme visto até aqui, vários *blogs* classificados como literários divulgam livros, e pode-se considerar que, exercem o papel de mediadores de leitura de literatura, muito embora o alcance seja limitado aos leitores/seguidores e muitos dos livros não são necessariamente obras literárias.

Observou-se que estes *blogs* apresentam literatura e gêneros literários de uma forma diferente. Conforme se sabe, e já foi mencionado, existem três considerados gêneros fundamentais: épico ou narrativo, lírico e dramático. As espécies mais conhecidas destes gêneros (que se pode considerar subgêneros ou até mesmo gêneros que integram as grandes categorias narrativo, lírico e dramático) são: romance, novela, conto, poesia e teatro. Sendo assim, através desta pesquisa chegou-se a novas “categorias” apresentadas pelos *blogs*. Mediante consulta aos 50 *blogs* selecionados, constatou-se que as novas designações mais utilizadas são: *chick-lit*, *young adult*, *new adult* e *hot*. No entanto, termos conhecidos como romance (romance de época, romance histórico, romance policial, romance erótico), clássico, policial, suspense, drama, distopia, ficção científica, juvenil, infanto-juvenil, horror, comédia, entre outros, são utilizados também. O que ocorre nestes casos é que o autor do texto apresenta o livro lido como sendo do gênero suspense, por exemplo, sem classificar se é romance ou novela.

Nota-se que há um equívoco em relação ao termo gênero. Quando há um romance, um caso de amor entre duas pessoas, o gênero é considerado como sendo romance. Fez-se a análise, por exemplo, da obra “1984”, que é um romance. De acordo com os autores dos *blogs*, esta obra se enquadra no gênero distopia ou ficção científica. Nenhum dos *blogs* selecionados classificou a obra como sendo romance distópico ou romance de ficção científica. Obras clássicas, em sua maioria são classificadas como sendo apenas clássicas e/ou literatura nacional ou literatura estrangeira. Inclusive, literatura nacional e literatura estrangeira também são enquadradas como gênero de acordo com os *blogs*. O *blog* TL classifica a obra “O Hobbit” como sendo do gênero fantasia ficção. Já a obra “A Abadia de Northanger”, é enquadrada na categoria literatura estrangeira / romance, pelo mesmo *blog*.

Essas novas categorias apresentadas como gêneros literários pelos *blogs*, devem ser motivo de atenção de profissionais que lidam com a informação, a fim de elucidar sobre os temas vinculados através de mídias e redes sociais, assim como esclarecer os equívocos que possam surgir. De acordo com Alves (2016)¹³, *new adult* apresenta livros para jovens, com protagonistas entre seus dezoito a vinte e poucos anos, saindo da adolescência e entrando na vida adulta. Estes livros, de acordo com a blogueira, abordam temas geralmente polêmicos, mostrando histórias onde os protagonistas enfrentam o primeiro emprego, o primeiro amor, problemas familiares, problemas na faculdade, problemas amorosos, conflitos de sentimento, personalidade e de decisões. Na postagem sobre o assunto, a blogueira esclarece:

Há pouco tempo no Brasil tinha poucas divisões de gênero literário. Mas hoje em dia, aos poucos, novos gêneros e termos começam a ganhar espaço e classificar melhor os estilos de livros que são publicados. Mas ainda há uma grande quantidade de livros que são classificados erroneamente no país. Podemos verificar diversos títulos considerados infanto-juvenis, por exemplo, com cenas de violência, apelo sexual, entre outros. Estas falhas de classificação acontecem justamente pelo fato de não haver uma variedade de divisões de gênero, o que não acontece nos Estados Unidos, onde os livros são separados em diversos estilos, ajudando os leitores a escolher (pelo gênero) se irão querer encarar a história ou não. Mas este quadro está começando a mudar. Seguindo a onda e tendência estrangeira, as editoras nacionais estão começando a abrir os olhos para novos estilos e a classificar seus livros de acordo com o tema. E além disso, criando selos editoriais exclusivos para os jovens (e todos comemoram). Isto é muito bom, não só para incentivar a leitura, mas

¹³ ALVES, Aillen. Gênero New Adult – Saiba Tudo! Disponível em: <<http://literalmenteamigas.com.br/genero-new-adult/>>. Acesso em 03 set 2016.

pela grande quantidade de excelentes títulos. (ALVES¹⁴, 2016, não paginado).

Esta concepção é difundida pelos *blogs* literários em geral, e aceita por seus leitores. O que se percebe é que se confunde temas/assuntos e características dos personagens com gêneros literários. Em nenhum livro ou artigo científico sobre literatura encontram-se estas informações classificadas como gêneros literários. Seguindo o conceito de Rocha (2016), pode-se então classificar este tipo de literatura como paraliteratura, considerada uma forma de designar a literatura não-legitimada, que é aquela que não é geralmente tida pelos meios acadêmicos e pela crítica literária como literatura “verdadeira”, pois o seu valor estético é considerado nulo. Para a autora, são múltiplas as designações utilizadas para se referir a literatura não-legitimada: infraliteratura, subliteratura, literatura popular, literatura de massas, literatura menor, literatura marginal, contraliteratura, paraliteratura, entre outras. Entretanto, o termo paraliteratura é o mais adequado para designar esta produção ficcional, uma vez que, ao contrário de outros, não tem qualquer intenção desqualificante.

Através de busca na *web*, encontrou-se o *site* da rede social Goodreads¹⁵, lançado em 2007. Trata-se de um *site* gratuito para amantes de livro que divulga obras e opiniões, comentários e recomendações de livros. Pode-se publicar opiniões e “catalogar” o que é lido ou se pretende ler. É possível conectar-se ao Goodreads através de redes sociais como Facebook, Twitter ou Google+, e também pelo Amazon. Ao realizar o cadastro, criar um perfil no *site* solicita-se a seleção de *genres* favoritos.

Figura 1 - Cadastro

¹⁴ Idem.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.goodreads.com/about/us>>. Acesso em: 02 set 2016.

goodreads Getting Started [Find Friends](#) [Set a Goal](#) **Rate Books** [View Recommendations](#)

Next, select your favorite genres.

We use your favorite genres to make better book recommendations and tailor what you see in your Updates feed.

<input type="checkbox"/> Art	<input type="checkbox"/> Biography	<input type="checkbox"/> Business	<input type="checkbox"/> Chick Lit	<input type="checkbox"/> Children's
<input type="checkbox"/> Christian	<input type="checkbox"/> Classics	<input type="checkbox"/> Comics	<input type="checkbox"/> Contemporary	<input type="checkbox"/> Cookbooks
<input type="checkbox"/> Crime	<input type="checkbox"/> Ebooks	<input type="checkbox"/> Fantasy	<input type="checkbox"/> Fiction	<input type="checkbox"/> Gay and Lesbian
<input type="checkbox"/> Graphic Novels	<input type="checkbox"/> Historical Fiction	<input type="checkbox"/> History	<input type="checkbox"/> Horror	<input type="checkbox"/> Humor and Comedy
<input type="checkbox"/> Manga	<input type="checkbox"/> Memoir	<input type="checkbox"/> Music	<input type="checkbox"/> Mystery	<input type="checkbox"/> Nonfiction
<input type="checkbox"/> Paranormal	<input type="checkbox"/> Philosophy	<input type="checkbox"/> Poetry	<input type="checkbox"/> Psychology	<input type="checkbox"/> Religion
<input type="checkbox"/> Romance	<input type="checkbox"/> Science	<input type="checkbox"/> Science Fiction	<input type="checkbox"/> Self Help	<input type="checkbox"/> Suspense
<input type="checkbox"/> Spirituality	<input type="checkbox"/> Sports	<input type="checkbox"/> Thriller	<input type="checkbox"/> Travel	<input type="checkbox"/> Young Adult

[Don't see your favorite genres here?](#)

Fonte: Goodreads, 2016.

No entanto, estes não são os únicos *genres* apresentados pelo *site*; há uma infinidade de temas e assuntos elencados.

Figura 2 - Genres

Genres > Shelves

show: All ▼

10th-century	1,471 books	beer	5,040 books	contemporary	2,148,268 books
11th-century	2,819 books	belgian	3,838 books	contemporary-romance	858,360 books
12th-century	4,646 books	belgium	8,619 books	cookbooks	259,827 books
13th-century	3,826 books	belief	9,025 books	cooking	135,518 books
14th-century	7,606 books	beverages	983 books	counter-culture	6,223 books
15th-century	9,191 books	biblical	21,552 books	cozy-mystery	140,174 books
16th-century	24,548 books	biblical-fiction	9,139 books	crafts	42,382 books
17th-century	27,546 books	bicycles	1,416 books	crafty	7,986 books
18th-century	46,553 books	biography	794,323 books	crime	740,875 books
1917	708 books	biography-memoir	152,564 books	criticism	99,909 books
19th-century	185,136 books	biology	49,267 books	crochet	8,550 books
1st-grade	25,344 books	bird-watching	607 books	cross-dressing	5,748 books
20th-century	364,010 books	birds	24,726 books	cthulhu-mythos	3,969 books
21st-century	226,977 books	bisexual	12,248 books	cuisine	4,209 books
2nd-grade	25,910 books	bizarro-fiction	2,489 books	culinary	16,028 books
40k	5,402 books	black-literature	3,887 books	cult-classics	18,646 books
abuse	194,467 books	boarding-school	29,884 books	cults	9,425 books
academia	68,424 books	bolivia	1,003 books	cultural	157,574 books
academic	160,345 books	bolsheviks	505 books	cultural-heritage	968 books
academics	24,293 books	books-about-books	91,876 books	cultural-studies	52,868 books
action	403,256 books	booze	2,020 books	curation	78 books
activism	19,329 books				
adaptations	26,851 books				
art-photography	451 books	class	94,018 books	erotica	69,307 books
art-books-monographs		class-issues	11,364 books	esoterica	8,115 books
art-design	13,226 books	classic-literature	177,882 books	esp	12,903 books
art-history	34,340 books	classical-music	2,406 books	espionage	82,710 books
arthurian	18,456 books	classical-studies	17,191 books	essays	189,526 books
asia	106,054 books	classics	2,368,577 books	ethnic	14,942 books
asian-literature	25,597 books	clean-romance	44,355 books	ethnic-studies	5,773 books
aspergers	3,063 books	climate-change	4,906 books	ethnicity	2,719 books
astrology	12,504 books	climbing	4,155 books	european-history	63,077 books
astronomy	17,681 books	cocktails	1,189 books	european-literature	99,853 books
atheism	27,658 books	coding	5,199 books	evangelism	5,769 books
australia	54,588 books	collections	123,661 books	evolution	26,486 books
autobiography	172,858 books	college	296,301 books	f-m-f	1,011 books
azeroth	516 books	comedy	273,326 books	fables	22,978 books
babylon-5	1,536 books	comic-book	38,394 books	fae	75,210 books
back-to-school	14,145 books	comic-strips	9,959 books	fairies	58,789 books
bande-dessinée	16,161 books	comics	1,250,326 books	fairy-tale-retellings	32,281 books
bangladesh	3,421 books	comics-manga	55,100 books	fairy-tales	173,842 books
banned-books	65,885 books	coming-of-age	271,065 books	faith	115,678 books
baseball	32,047 books	comix	37,559 books	family	457,893 books
basketball	5,477 books	communication	26,443 books	fandom	18,026 books
batman	34,379 books	complementary-medicine	936 books	fantasy	6,111,977 books
battle-of-gettysburg	661 books	computer-reference	990 books	fantasy-of-manners	3,040 books
bdsm	304,056 books	computer-science	34,115 books		
beading	1,893 books	computers	33,578 books		
beauty-and-the-beast	13,231 books	conservation	5,863 books		

« previous 1 2 3 4 next »

Fonte: Goodreads, 2016¹⁶.

Ao tentar entender a origem dos gêneros abordados pelos *blogs*, é possível crer que seu uso se deu pelos *genres* apresentados no *site*. Todavia, o termo *genre* em inglês não é necessariamente o equivalente a gênero em português. O que ocorre é que em inglês existem dois termos que em português, ao que parece, é

¹⁶ Disponível em: <<https://www.goodreads.com/genres/list>>. Acesso em: 02 set 2016.

representado apenas por um. Enquanto em inglês, *form* equivale a gênero, no sentido de representar a forma externa de uma obra, que, em português são os gêneros e seus respectivos subgêneros. No entanto, *genre* seria a temática da obra, o conteúdo em si ou o tipo. Assim, pode representar os assuntos ou tipo de história de que um livro trata, como por exemplo: crime, mistério, suspense, drama, entre outros.

Sendo assim, enquanto em inglês existem dois termos que representam forma e conteúdo de uma obra, em português, há apenas um o qual contempla tudo como sendo a mesma coisa. O que os blogs enfocam, na maioria das vezes ao apresentar um texto sobre determinado livro, são os assuntos abordados, o tema principal, características dos personagens, tipo de público, entre outros, e não o seu gênero literário. Contudo, de qualquer forma, para se chegar a uma classificação definitiva, é necessária a análise do livro por um especialista, para então enquadrá-lo no seu devido lugar dentro da literatura.

A forma usual de disseminar literatura pelos *blogs* é através das postagens de resenhas. De acordo com o professor e blogueiro André Gazola¹⁷, como um gênero textual, uma resenha é um texto em forma de síntese que expressa a opinião do autor sobre um determinado fato cultural, que pode ser um livro, um filme, entre outros. Segundo ele, a resenha deve ir direto ao ponto, mesclando descrição com crítica direta, e o resenhista que conseguir equilibrar perfeitamente esses dois pontos terá escrito a resenha perfeita.

Feitas as devidas observações e análises nos textos postados nos *blogs*, percebeu-se que a estrutura e o estilo variam de *blog* para *blog*. Por exemplo: na resenha da obra “Um corpo na biblioteca”, de Agatha Christie, o *blog* ADR divulga um texto sucinto, compartilhando lembranças que a leitura despertou: “Ler um livro da Agatha Christie me fez rememorar tempos mais fáceis da minha vida. Uma época em que eu podia ficar até de madrugada lendo um livro [...]”, e conclui: “Cheguei a sugerir certa vez a uma colega de literatura que os livros de Agatha Christie deveriam ser adotados em sala de aula. Sou totalmente a favor disso. Ao invés de se cobrar livros que nossos alunos não tem amadurecimento suficiente para acompanhar, porque não deixá-los absortos em uma trama policial, onde todos são suspeitos, até que se prove o contrário?”. Percebe-se que os textos não seguem um

¹⁷ Lendo.org. **Como escrever uma resenha crítica**. Disponível em: <www.lendo.org/como-fazer-uma-resenha>. Acesso em 03 set 2016.

padrão, pois em outra resenha no mesmo *blog*, o texto trata de uma comparação entre livro “Anjos e Demônios”, de Dan Brown e sua adaptação cinematográfica.

O *blog* LNH também divulga textos breves, mas todos têm o mesmo padrão. Por exemplo, a obra de Érico Veríssimo, “O incidente em Antares” é apresentada sob o ponto de vista da ambientação histórica e como o livro que trata de crítica política, envolvendo várias questões sociais: “Recheado de críticas políticas, abordando corrupção, racismo, status e desigualdade social, recomendo a leitura desse clássico que faz com que reflitamos sobre nossas próprias atitudes, sobre o nosso país e seu povo.”. A blogueira se preocupa também em classificar, e o faz de forma correta, a obra conforme a espécie ou o subgênero, muito embora a classificação dada por ela a todas as obras seja de gênero. A obra “O incidente em Antares” é classificada de romance (último do autor). Em outra resenha, “Mercador de Veneza”, de William Shakespeare classifica como teatro, e a obra de Conan Doyle, “As cinco sementes de laranja” como sendo conto, o que está correto.

O *blog* PEP categoriza suas resenhas por título, autor, série, gênero, editora e classificação. Destaca-se a forma de reunir os textos através da categorização resenhas por gênero, na qual apresenta assuntos/temas também como gênero, e são eles: biografia, cinema & TV, contos, crônicas, fantasia & ficção científica; infantil; literatura estrangeira; literatura nacional; mistério e crime; não-ficção; romance; terror. Percebe-se que há uma confusão quanto ao conteúdo dos livros resenhados, sendo apresentados aos leitores do *blog*, assuntos, temas, subgêneros, público-alvo, como pertencendo a mesma categoria. Ao acessar as resenhas classificadas em “Cinema e TV”, por exemplo, encontram-se livros que foram adaptados para TV ou cinema (séries ou filmes); na categoria infantil, encontram-se livros como: “Os Haicais do Menino Maluquinho”, de Ziraldo; “Coraline”, de Neil Gaiman; “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, de Jorge Amado. Os textos apresentam, além da classificação “infantil”, outras *tags* identificando os assuntos das obras, como: animais, mitologia, infanto-juvenil, ficção-científica, clássicos, entre outros. Todas as postagens do *blog* possuem marcadores que organizam as postagens em categorias de assuntos; e esta forma de organizar as postagens é possível em todos e usada pela maioria dos *blogs*.

Algo presente em quase 100% dos *blogs* é, ao final, a avaliação por meio de nota, de 1 a 5 - pontos, estrelas, corações... - , assim como ao longo ou ao final do texto a recomendação, se gostou ou não da leitura, por meio de frases como:

“Li, e sinceramente, não gostei muito.”;

“Por mais irreal que seja, gostei das reflexões e do romance em si.”;

“Gostei muito da maneira com que a questão foi abordada e pontuada. Recomendo para quem gosta de clássicos [...]”;

“Eu gostei muito do modo como a narrativa se desenvolve e como os acontecimentos vão sendo expostos ao leitor”;

“Eu gostei muito desse livro, e acho que todos deveriam ler (inclusive os adultos).”;

“Um lindo e delicioso romance de Jane Austen, que é minha autora preferida. Por isto, eu recomendo!”.

A resenha da obra “O mistério da casa verde”, de Moacyr Scliar divulgada pelo *blog* ODL, expõe a opinião do resenhista ao ponto de desmotivar o leitor, atribuindo valor ao livro de forma confusa e contraditória:

Primeiramente, confesso que não sou muito amante de clássicos da literatura e apesar deste não ser um clássico, é inspirado em "O Alienista", de Machado de Assis. Li, e sinceramente, não gostei muito. Como em "O Alienista", acho muitas cenas desnecessárias, descrições sem fundamento e sem nada que acrescente a estória. Para falar a verdade, este livro, é um tanto quanto infantil. Sua estória, como eu já disse, é baseada na obra de Machado de Assis, o que já torna tudo bastante monótono. Posso até dizer que me diverti com as travessuras de Arthurzinho, mas, essa estória de primeiro amor não deu muito certo. O autor usou personagens muito comuns, em um grupinho de crianças-travessas. Há cenas ao longo do livro, que você se pergunta, "ãhn ? Como assim?", para quem gosta de livros infantis, está recomendado, caso contrário ...

Para o professor e blogueiro André Gazola, uma resenha precisa mostrar ao leitor as principais características do que está sendo resenhado, sejam elas boas ou ruins, mas sem esquecer de argumentar em determinados pontos e nunca usar expressões como “eu gostei” ou “eu não gostei”. Apesar desta recomendação ser em especial para textos científicos, crê-se que vale para o caso de textos divulgados em *blogs*, ainda mais por serem textos sobre obras literárias para o que se pressupõe conhecimento do resenhista nesta área específica. Conforme indicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em seu artigo “Como elaborar uma resenha” publicado em seu *site*¹⁸, que explica que o resenhista deve ser alguém com conhecimento na área, uma vez que avalia a obra, julgando-a criticamente.

¹⁸ PUCRS. **Como elaborar uma resenha**. Disponível em: <www.pucrs.br/resenha.php>. Acesso em: 03 set 2016.

O objetivo do *blog* literário deve ser o de divulgar a obra, fazer com que as pessoas tenham conhecimento dela. Por meio da resenha, cabe ao leitor decidir ler ou não, por isso não cabe ao resenhista recomendar ou sugerir que as pessoas leiam ou não o livro resenhado. Tratando-se de um *blog* de biblioteca pública esta concepção deverá ser mais concreta e deve-se buscar, assim, zelar por ela. Os responsáveis devem preocupar-se em divulgar o que de melhor a biblioteca tem a oferecer, por isso acredita-se que o empenho é em escolher obras literárias a fim de disseminá-las; por isso não há necessidade, ainda mais nestes casos, de destacar gostos pessoais. Observa-se a necessidade de, ao compor um texto acerca de uma obra literária, exaltar seus valores, tal como arte que representa, porém, tomando cuidado para não permitir que o gosto pessoal se sobressaia e interfira na avaliação. Nota-se, por isso, a relevância ainda maior de que o texto seja elaborado por um especialista.

Segundo André Gazola, outro tipo de resenha é aquele que serve para divulgar uma obra, simplesmente, permitindo ao leitor tomar conhecimento do livro, filme ou artigo de que trata a resenha, conseqüentemente, decidir se deseja lê-lo ou assisti-lo. Para ele, este tipo é muito comum quando se refere a uma obra de literatura, o que constituirá uma resenha literária, também denominada como sendo resenha de obra. Portanto, acredita-se que este seja o tipo mais adequado para ser usado pelos *blogs* que divulgam obras literárias, levando em conta questões abordadas no parágrafo anterior.

Tanto para a PUCRS, quanto para o professor e blogueiro André Gazola, deve constar em uma resenha: título, referência bibliográfica (autor da obra, título da obra, editora, data de publicação, lugar de publicação, número de páginas), dados do autor da obra, resumo ou síntese do conteúdo e avaliação crítica. Alguns autores sugerem que também haja o preço da edição lida. Neste caso, seria mais para o leitor que queira adquirir aquela edição e até mesmo onde comprar. A maioria dos *blogs* literários apresenta todos estes elementos, com exceção do lugar de publicação e dados do autor da obra, que apenas em poucos dos casos aparece. Ocorre de ser divulgada a sinopse, que na maioria das vezes é o texto que consta na orelha ou contracapa do livro ou ainda são informações retiradas da rede social Skoob. Vale lembrar que sinopse e resumo são coisas distintas. Sinopse é o texto elaborado pelo autor da obra (ou editor) e estará presente na própria publicação,

geralmente na contracapa e/ orelha da obra; o resumo além de constar em publicação à parte, é redigido por outra pessoa que não o autor da obra resumida.

Percebe-se através dos comentários, que os leitores levam em consideração a opinião do blogueiro em relação a obra, e demonstram interesse de acordo com as classificações que lhe são dadas. Quando uma obra é classificada como clássico, muitos acreditam ser uma leitura difícil, rebuscada, o que aparenta ser uma barreira, conforme segue:

“Estava precisando mesmo de alguns títulos clássicos para colocar na minha lista de compras, só espero que esse não tenha uma linguagem muito difícil ou uma trama complicada de entender, porque para ser sincera eu ainda sou meio leiga quando se tratam de clássicos [...]”;

“Confesso que não dou muito atenção para os clássicos por ter ficado traumatizada na época de escola, mas todos falam tão bem desse livro que sempre fiquei curiosa.”;

“Há clássicos que são bem chatos porque possuem uma escrita rebuscada demais e outros se tornam chatos porque são empurrados ao leitor, por serem livros canônicos.”;

“Eu acho que as pessoas geralmente tem "trauma" com os clássicos, porque muitas vezes são de certa forma obrigados a lê-los na escola.”;

“Não sou muito fã dos clássicos. Esse não seria uma a ler por mim, poderia ler mais demoraria anos para concluir a não se a leitura me prendesse”;

“Existem muitos clássicos que eu não "engulo", rs. E que nem eram clássicos quando foram escritos, né?”.

Estes aspectos precisam ser considerados no momento de divulgar uma obra através do *blog* de uma biblioteca. O texto precisa divulgar a obra, conforme já mencionado, sem trazer conceitos e pré-conceitos que possam afastar o leitor ao invés de atraí-lo. O objetivo do *blog* é servir de mediador entre leitor e acervo, e para isso necessita-se pensar em estratégias para que a apresentação das obras que compõem o acervo seja uma fonte de informação de qualidade. De acordo com Tomaél, Alcará e Silva,

A qualidade de uma informação ou de uma fonte de informação está diretamente relacionada ao seu uso, ou seja, ao usuário que dela necessita. Para que uma fonte seja de qualidade, deve atender a propósitos específicos de uma comunidade de usuários e isso requer avaliação. (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008, p. 6).

Para as autoras, avaliar atributos de qualidade para fontes de informação é uma atividade essencial em prol de usuário, entretanto, quando se tem a necessidade de indicar fontes de informação para a comunidade à qual se prestam serviços, juntamente com essa necessidade, vem o dever de fornecer informação de qualidade e, para isso, é imprescindível avaliar a qualidade da informação que se disponibiliza. Esta percepção deve ser inculcada e praticada quando se trata de mediação de leitura de literatura através de um *blog*, porque além de divulgar, a biblioteca é também a produtora da informação disponibilizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de *blogs* existentes é grande, porém, muitos deles não são atualizados, o que faz com que percam a razão de ser, afinal, sua característica principal é a divulgação de postagens regulares, de preferência diárias. Contudo, os *blogs* literários selecionados (até o momento do levantamento das informações) são atualizados, se não diariamente, algumas vezes por semana. Observa-se, porém, nestes casos, objetivos específicos que dependem de parcerias e patrocínios para que o *blog* tenha audiência. Os sorteios de livros e produtos relacionados são os maiores responsáveis pela interação entre leitor e *blog*.

Nesse sentido, questiona-se se há um equilíbrio entre a quantidade elevada de informações e a qualidade destas, já que, embora existam muitos *blogs* que divulgam informações extremamente relevantes, como a literatura, a qualidade da informação de maneira geral pode ser baixa, sem proveito concreto para os leitores, em termos de conhecimentos construídos. Isso porque a maioria das postagens são de lançamentos e *best-sellers*, não havendo critério de seleção como, para obras consideradas por especialistas relevantes e de qualidade, em termos de literatura. A busca por resenhas de obras de autores considerados clássicos e cânones foi baixa e em alguns *blogs* não foi possível encontrar nenhuma obra com exceção de *best-sellers* e lançamentos.

Em relação a *blogs* de bibliotecas, a realidade é ainda mais desanimadora, visto que apenas dois, do total dos nove encontrados, são atualizados; e apenas um realiza postagens diariamente. Os dois *blogs* divulgam postagens relacionadas a literatura. Um deles divulga resumos de livros e o outro divulga as obras pertencentes ao acervo, porém não divulga maiores informações sobre o seu conteúdo.

Todos os *blogs* analisados possuem página no Facebook, os literários também possuem perfis em outras redes sociais, como Skoob, Twitter, Google+ e Instagram.

Houve a necessidade de recorrer à consulta bibliográfica para compor melhor a análise dos resultados, visto a escassez de conteúdo apresentados nos *blogs*, em especial nos *blogs* de bibliotecas por não serem atualizados nem publicarem informações relacionadas a literatura na sua maioria. Em relação aos literários, o

que se constatou foi a repetição das informações. Observou-se, por exemplo, a mesma postagem sobre lançamentos de editoras em vários dos *blogs*, assim como também o mesmo livro sendo apresentado. Nestes casos, percebe-se que as postagens são relacionadas a divulgações de determinados livros de editoras parceiras; e uma editora poderá ter vários *blogs* fazendo a mesma divulgação.

Um dos desafios no bibliotecário é ajudar a tornar a informação verdadeiramente importante entre tantas possibilidades; ajudar na compreensão de forma cada vez mais abrangente e profunda, a fim de tornar as informações parte do referencial do usuário. A mediação só será efetivada se houver troca entre dois ou mais indivíduos. Para satisfazer as necessidades informacionais do usuário é preciso saber quais são elas. O usuário só dará significado, encontrará (novo) sentido, quando vivenciar, experimentar, sentir e estabelecer vínculos. Afinal, melhor apropria-se de algo quando há interesse, quando se percebe o objetivo, a utilidade, quando as vantagens são perceptíveis.

As tecnologias agregam dados, imagens, vídeos, textos, entre outros, de forma rápida e atraente. O papel da biblioteca e do bibliotecário é auxiliar o usuário a interpretar, relacionar, contextualizar e tomar posse das informações contidas em ambientes informacionais digitais. O bibliotecário, como mediador, pode integrar tecnologia e leitura, que juntas, colaboram para o desenvolvimento intelectual, emocional e comunicacional dos indivíduos que delas fazem uso. Neste processo de mediação, o bibliotecário informa, auxilia e capacita na escolha das informações mais importantes, atuando de maneira a destacar seu valor semântico para os usuários, permitindo que eles as compreendam e as avaliem como sendo úteis ou não. Contudo, este processo envolve estímulo, organização, equilíbrio e credibilidade, por parte do profissional e no que tange as informações que disponibiliza.

Os *blogs* possuem alto potencial para serem utilizados pelas bibliotecas públicas. As plataformas disponíveis além de gratuitas, têm os elementos necessários para dispor as informações no *blog*, tornando-o apto a ser usado como instrumento para mediação de leitura de literatura. Em se tratando de bibliotecas públicas, pela realidade brasileira, na qual o acervo é composto em sua maioria de doações, é mais fácil encontrar uma obra clássica do que um lançamento ou *best-seller*, por isso a facilidade de divulgação de obras literárias, por ser exatamente o que a biblioteca oferece.

Verifica-se a necessidade de continuidade deste estudo, a fim de concepção de um *blog* de biblioteca pública, e, principalmente no que diz respeito ao usuário da biblioteca pública e potencial usuário do *blog*. É indispensável no momento de planejar a construção de um *blog*, estar em contato com os interesses, a cultura, as necessidades e as limitações do leitor-alvo. Afinal, as postagens realizadas em um *blog* serão feitas para ele, no intuito de o incentivar a ler obras contidas no acervo da biblioteca. As informações precisam ser filtradas e convertidas em uma forma que seu leitor-alvo possa digerir. Os usuários querem conteúdos que satisfaçam sua procura, falem no mesmo nível com o qual possam se relacionar.

REFERÊNCIAS

AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura de informação**: trabalhando com o usuário. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

AGUIAR, Gisele Adornato de. **Uso de ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias**: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-03122012-160409/pt-br.php>>. Acesso em: 27 ago 2016.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações de cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

_____. A cada leitor o seu texto: dos livros às redes. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.esp., p. 154-172, jan./jun., 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p154>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.20, n. 1/4, p.31-8, jan./dez. 1987. Disponível em:<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002137&dd1=0e78e>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p.41-54

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 28 maio 2016.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; ALMEIDA, Carlos Cândico de; FRANCISCO, Lucilene Aparecida. Fontes de informação pública na internet. In: TOMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Orgs.). **Avaliação de fontes de informação da internet**. Londrina: Eduel, 2004. P.135-155.

ALVIM, Luísa. Avaliação da qualidade de blogues. **ACTAS**: Congresso Nacional De Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, n. 9, 2007. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/595/444> > Acesso em: 20 mar. 2016.

ALVIM, Luísa. Blogues e bibliotecas: construir redes na Web 2.0. **Cadernos Bad**: Revista da associação portuguesa de bibliotecários, arquivista e documentalistas, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/781>>. Acesso em: 27 ago 2016.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/>>. Acesso em: 28 ago 2016.

ANDRADE, Maria Lucia C.V.O. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2009.

ARAÚJO, Rafael Lima de; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de. **Ler, compartilhar e interagir**: blogs como ferramentas de mediação de leitura. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 240-260, maio./ago., 2015.

ARISTÓTELES. Arte poética. In _____. Arte retórica e arte poética. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964. P. 251-340.

ARRUDA, Guilhermina Melo. **As práticas da biblioteca pública a partir das suas quatro funções básicas**. Disponível em: <<https://bibliotecaproduz.files.wordpress.com/2009/06/as-praticas-da-biblioteca-publica-katty.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICA. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** : com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Robério Pereira. Compartilhamentos e convergências de textos de literatura no Facebook, **Revista Desempenho**, n. 25, v. 1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/viewFile/17980/13676>>. Acesso em: 31 ago 2016.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Blogs e bibliotecários**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7966373-Blogs-e-bibliotecarios-resumo.html>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BARROS, Maria Helena T.C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Fa editora, 2006.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? : com a palavra, o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

BIBLIOTECA empoeirada: porque nós adoramos ler. **Chick-lit, sick-lit, new adult, young adult, distopia...há? Dá pra traduzir?** 03 set, 2013. Disponível em: <<http://bibliotecaempoeirada.com.br/2013/09/chick-lit-sick-lit-new-adult-young-adult-distopia-ha-da-pra-traduzir/>>. Acesso em: 28 maio 2016.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. **Metodologia científica contemporânea para universitários e pesquisadores**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BORTOLIN, Sueli. Mediação oral literária: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf>. Acesso em: 28 ago 2016.

CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. **Arquitetura da informação: uma abordagem prática para o tratamento de conteúdo e interface em ambientes informacionais digitais**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CAREGNATO, Sônia Elisa; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de. *Blogs científicos.br? um estudo exploratório*. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 56 - 75, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/5996/677>>. Acesso em: 29 out 2016.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. *Redes e mídias sociais na internet: realidade e perspectivas em um mundo conectado*, **Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, jan./jun., 2011.

CISTO, Celso. *A pretexto de se escrever, publicar e ler bons livros*. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** : com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

CONTEXTOS formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., 1967.

DAVALLON, J. *A mediação: a comunicação em processo?* **Prisma.com: Revista de Ciência da Informação e Comunicação do CETAC**, Portugal, n.4, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/645/pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record: 2003.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS (IFLA). **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília, Briquet de Lemos, 2012.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; BONOTTO, Martha E. K. Kling; VAN der laan, Regina Helena. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de; LIMA, Regina Célia Montenegro de. *Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna: aplicação de técnicas bibliométricas*. **Ciência da Informação**, Brasília, n.13, v. 2, p.137-50, jul./dez. 1984.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro, 2000.

FREITAS, Henrique *et al.* O método de pesquisa survey. São Paulo, **Revista de Administração da USP**, RAUSP, v. 35, n. 3, jul./set. 2000. p 105-112.

HANDEM, Priscila de Castro; MATIOLI, Caroline Pavlú; PEREIRA, Fernanda Geisteira C. Metodologia: interpretando autores. In: FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul : Difusão, c2004.

HEWITT, Hugh. **Blog**: entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

HOUGHTON, Robin. *Bloggings for creatives*: how designers, artists, crafters, and writers can *blog* to make contacts, win business, and build success. Cincinnati: Howbooks, ©2012.

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. **Os livros são para ler**: um manual de treinamento e orientação para encarregados de pequenas bibliotecas públicas. Brasília: MEC, 1980.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**: introdução à ciência da literatura. São Paulo: Livraria Martins Fontes: 1976.

KHALED, Maria Luiza. **Crítica e resenha jornalística**. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica, 1993.

LANCASTER, Frederick Willfrid. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. ampl. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, Aline Poggi Lins; FREIRE, Isa Maria. As mídias sociais de olho na CI na perspectiva da disseminação da informação, **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 39, p. 113-132, jan./abr., 2014

MACEDO, Flávia Lacerda Oliveira de. **Arquitetura da Informação**: aspectos epistemológicos, científicos e práticos. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em:

<http://www.academia.edu/2504826/Arquitetura_da_Informacao_aspectos_epistemologicos_cientificos_e_praticos>. Acesso em: 09 out 2016.

MANESS, Jack M. Teoria da Biblioteca 2.0: web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.17, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2007. Disponível em:
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/831>>. Acesso em: 27 ago 2016.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. rev. e aum. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997.

MOISÉS, Massaud. A crítica literária. In: _____. **A criação literária**: prosa II. São Paulo: Editora Cultrix, ©1967. P.169-244.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. **Revista Inclusão Social**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 67-81, jan.-jun., 2011.

_____. Tratamento do livro Seleção, aquisição e organização do acervo da biblioteca. In: _____. **Biblioteca**: conhecimentos e práticas. Porto Alegre: Penso, 2014. P. 29.

O que é a literatura. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, ©1979.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. **Usabilidade na Web**: projetando Websites com qualidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OLIVEIRA, Anagéssica Fernandes Nonato de; SANTOS, Edilânia Paulo dos. Blogosfera: blog como fonte de informação. **XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da informação**, 2007. Disponível em:
<<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BLOGOSFERA%20blog%20como%20fonte%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 27 ago 2016.

OLIVEIRA, Ieda de. Contrato de comunicação, projeto de comunicação e qualidade em literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** : com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

PASE, Bernadete Meneghetti; CRUZ, Maria Clara Avendano Valente da. A importância da intertextualidade e dos gêneros literários para a mediação da leitura. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt Neves; MORO, Eliane Lourdes da Silva Moro; ESTABEL, Lisandra Brasil (orgs). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 36, p. 122-128, agosto de 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2016.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Leitura, um diálogo subjetivo. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** : com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 157-190, jan./abr., 2013.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**. 2ª ed. atualizada e revisada. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Rede Social. In: SYPER, Juliano. **Para Entender a Internet: noções práticas e desafios da comunicação em rede**. [S.l]: NãoZero, 2009. Disponível em: <http://www.itsbrasil.org.br/sites/itsbrasil.w20.com.br/files/infoteca/uploads/SPYER_Juliano._-org-_Para_entender_a_Internet.pdf>. Acesso em: 27 ago 2016.

_____. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. (2003?). Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

ROCHA, Adélia Cruz. **A literatura não legitimada e a variante portuguesa da chick lit**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.6/4189>>. Acesso em: 02 set 2016.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio; FARIA, Melissa Bortoloto. A intertextualidade no gênero resenha. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n.1, p.99-

128, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a05.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-72.

SANTOS, E. L. ; ROCHA, S. M. da. O blog como ferramenta de comunicação entre a biblioteca e seus usuários: a experiência da biblioteca Lydio Bandeira de Mello, da faculdade de direito da universidade federal de minas gerais. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 33, jan./abr., 2012, p. 134-152.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma Monografia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SILVA, Diana Soares; PRÍNCIPE, Pedro. Bibliotecas, Web e Literacia: Construir Recursos e Serviços em Comunidade. **Actas**: congresso nacional de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, n. 10, 2010. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/210>>. Acesso em: 27 ago 2016.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Magali Lippert da. Literatura aplicada à biblioteconomia. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Org.). **Biblioteca**: conhecimentos e práticas. Porto Alegre: Penso, 2014. P. 97-111.

SILVA, Vanessa Barbosa da. **Biblioteca pública brasileira**: panorama, perspectivas e a situação do Distrito Federal. Brasília - DF, 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14228/1/2013_VanessaBarbosaSilva.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Dados das bibliotecas públicas no Brasil**. Disponível em <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

STRAIOTO, Fabiana. **A arquitetura da informação para a *World Wide Web***: um estudo exploratório. 2002. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2002.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**: desempenho e perspectivas. São Paulo: Lisa/INL-MEC, 1980.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Editora Italaia Limitada, 1981.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Resecler; SILVA, Terezinha Elisabeth da. Fontes de Informação na internet: critérios de qualidade. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina: Eduel, 2008.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes Sociais: posições dos atores no fluxo da informação, **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p75>>. Acesso em: 27 ago 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. Brasília: Briquet de Lemos, 1997.

VERÍSSIMO, José. **Que é literatura?**: e outros escritos. São Paulo: Landy Editora, 2001.

WITTER, Geraldina Porto *et al.* Resenha: características essenciais em produção nacional e estrangeira, **Transinformação**, v. 11, n. 3, p. 257-260, set./dez., 1999

